Letras

Periódico cultural • Ano IV • Nº 29 • Fevereiro de 2009 • Tiragem: 2000 exemplares • Distribuição Gratuita • Belo Horizonte • MG • Brasil

Essa vida é uma viagem

Diários de Viagem é daqueles temas sugeridos aos colaboradores do Letras que acabam causando as maiores surpresas.

Viagem, cada um tem a sua, isso é coisa certa. Viagem é passeio, processo, mudança, e por que não, viagem também é ficar parado enquanto o pensamento se deixa levar. Viagem tem destino, tem bagagem, tem começo, fim. E tem recordações.

Nessa edição convidamos nossa intrépida equipe a compartilhar impressões e recordações de viagens, suas e dos outros. E o resultado que você leitor tem agora em mãos é tão variado quanto a fila de malas que trafega pela esteira do aeroporto, revelando um pouco de cada dono de cada pacote. Cada diário, escrito ou não, também deixa entrever causas e efeitos muito particulares. Fosse eu ou fosse você naquele mesmo itinerário, certamente tudo seria muito diferente.

Então, já que tudo acaba sendo viagem, convido você a mergulhar no Letras com aquele espírito aventureiro e com a mente aberta que tornam qualquer passeio mais divertido - nessa e em todas as edições. E se quiser dividir umas páginas do seu diário de impressões com a gente, estamos aí. Boa viagem, e boa leitura!

Carla Marin

Fale com o Letras:
letras@cafecomletras.com.br

E de Expediente

Letras

ISSN 1983-0971

Editoria e Direção Geral: Carla Marin
Editor: Alemar Rena
Editor Honorário: Bruno Golgher

Editorias
Arquitetura: Carlos Alberto Maciel
Artes Cênicas: Mônica M. Ribeiro
Cinema: Rafael Ciccarini
Cultura e Literatura Judaicas: Lyslei Nascimento
Design: A&M'Hardy'Voltz
Literatura: Pedro Malard

Colunas
Aventuras Tecnológicas: Paulo Waisberg
Direito e Cultura: Rafael Neumayr e Alessandra Drummond
Economia da Cultura: Nísio Teixeira
Jazz: Ivan Monteiro
Poesia: Ana Caetano
Tecnologia e Cultura: Alemar Rena

Redação (esta edição):
Ana Elisa Ribeiro • Gabriel Martins • João Veloso Jr.
Luciara Lourdes de Assis • Núria Bertachini
Samira Ávila • Sebah Rinaldi

Capa: Bruno Martins • brunomartins83@gmail.com

Jornalista Responsável: Vinícius Lacerda
Tiragem: 2000 exemplares
Impressão: Gráfica Fumarc
Distribuição: Romã Midia Livre

Para anunciar no Letras, fale com Bruno:
bruno@cafecomletras.com.br

Letras é uma publicação da ONG Instituto Cidades Criativas:
Rua Antônio de Albuquerque, 781 - Savassi
Belo Horizonte, MG - CEP 30112-010

Quaisquer imagens, fotografias e textos veiculados no Letras são de responsabilidade exclusiva de seu autor. As restrições da legislação autoralista se aplicam, sendo vedada a reprodução total ou parcial de textos e ou imagens sem prévia e expressa autorização do titular dos direitos.

Realização:

CAFÉ com LETRAS

P de Poesia

Jack Kerouac

Ana Caetano

Jack Kerouac nasceu em 1922, em Lowell, Massachussetts. Se alguma obra literária ou poética pode ser descrita como um verdadeiro diário de viagem, esta foi a de Jack Kerouac. Antes de freqüentar a universidade de Columbia, ele passou 3 meses na marinha mercante e 6 meses na Inglaterra onde começou, solitariamente, sua carreira de escritor. De volta a New York, tornou-se freqüentador assíduo dos bares de jazz que fervilhavam na época. A partir de 1943, formou, junto com Allen Ginsberg e William Burroughs, o núcleo do grupo que se tornaria conhecido como "geração beat" ao qual Lucien Carr e Neal Cassady juntariam-se em seguida. "Beat", em inglês, possui muitos significados: ritmo musical (da bateria do jazz), batida (como um golpe), "exausto" (beated), pulsação e beatitude. Entre 1947 e 1950, Jack viveu com Neal Cassidy na estrada, cruzando o país inúmeras vezes. Do seu diário de viagens surgiria, em 1951, o livro On the Road. O livro, datilografado em um rolo de 30 metros de papel de telex, retoma o tema da viagem rumo ao oeste em busca de liberdade e inaugura suas experimentações literárias. A escrita livre, com pontuação pouco ortodoxa e sem parágrafos no estilo chamado por Kerouac de "prosódia bop espontânea" tentava soar como um solo de sax de Charlie Parker. Mais tarde, seria também essa inspiração no jazz o método de criação de México City Blues, poema épico composto de 242 "choruses" ou "stanzas" publicado em 1959. Além dessas duas obras que se tornaram peças cult do universo pop, Kerouac publicou, entre outros: Visions of Cody, Doctor Sax, Lonesome Traveler, Maggie Cassidy, Visions of Gerard, Desolation Angels, Satori in Paris, Dharma Bums. A geração beat foi, nos anos do pós guerra, o berço da contra-cultura americana e o embrião do movimento hippie dos anos 60. Jack Kerouac morreu, amargo e solitário, em 1969.

Chorus 37

Mad about the Boy -
Tune - Fue -
Going along with the dance
Lester Young in eternity
blowing his horn alone
Alone - Nobody's alone
For more than a minute.
Growl, low, tenorman,
Work out your tune till the day
Is break, smooth out the rough night,
Wail,
Break their Beatbutton bones
On the Bank of Broad
England Ah Patooty
Teaward Time
Of Proust & bearded
Majesty
In rooms of dun ago
in long a lash
alarum speakum
mansions tennessee
of gory william tree
- (remember that little
box of tacks?)

Jack Kerouac
(Mexico City Blues, 1959)

Refrão 37

Louco pelo Garoto -
Música – Mística
Acompanhando a dança
Lester Young na eternidade
Soprando seu trompete solitário
Só – ninguém está só
Por mais de um minuto.
Rugido, baixo, tenor,
Termine a sua canção até o dia
Raiar, delicado após a áspera noite,
Grite,
Quebre seus ossos reBatidos
No banco da branca
Inglaterra Ah Hora do
Pastel com Chajasmim
De Proust & de barbada
Majestade
Em salas de passados
e pássaros tempos
alaridum e açoite
mansões tennessee
de gore william daqui
- (lembra aquela pequena
caixa de pregos?)

Tradução: Ana Caetano

A primeira volta ao mundo

(um monólogo interior de Fernão de Magalhães em agosto de 1519, 20 minutos antes de partir, 20 meses antes de saber que nunca completaria a viagem)

Pedro Malard Monteiro

Içamos âncora. Começa a viagem e eu penso em Catarina. Devia saber que ela não era para mim quando a parteira ergueu-me sujo de placenta, chorando a dor de uma palmada. Minha mãe esticou os braços para me receber enquanto meu pai aguardava do lado de fora, ensaiando caretas de quem come casca de limão, para melhor desprezar o que havia na barriga da mulher que já não lhe dava carinho. Junto com ele os cães tristíssimos de rabo torto exibindo as costelas e desconfiados de um pontapé. Meu pai, quando me viu, só queria perguntar:
— Quando ele pára de chorar?

Devia saber que Catarina não era para mim quando a parteira limpou-me parcialmente e entregou-me às mãos abertas da minha mãe, seus olhos refletindo minha figura berrante.
— Quando ele pára de chorar?

Eu só gengivas, um gemido desajeitado expressando incerteza ou sofrimento.

Meu pai desconfiado que eu não fosse seu filho, irritado com as costelas dos cães, com seu desejo raquítico de agradar (as caudas tortas abanando, os focinhos procurando os cheiros novos do parto), irritado com nossa casa pobre e a terra muito árida tão perto do mar, onde as viúvas dos marinheiros vestiam seu luto como uniforme de guerra, para travar a batalha cotidiana de terem filhos bastardos brincando com varetas, desmontando os insetos para ver seu funcionamento, para examiná-los despidos de carapaça (besouros de seis patas, que nunca foram verdes, cobertos por uma casca frágil demais para defendê-los de meninos bastardos engendrados por viúvas negras em luto sem velório, um luto aliviado, que não tenta lamentar a morte de maridos bastardos).
— Quando ele pára de chorar?

Maridos bastardos que foram filhos bastardos engendrados por viúvas negras aliviadas, tão diferentes da mãe da Catarina, uma senhora roliça cercada de serviçais, adulada por criadas petulantes, que lhe incomodavam os olhos azuis, a pele virtuosa, a língua tão educada:
— Tens os meios de prover a Catarina como se deve?

Eu devia saber que capitanear navios nunca me recompensaria o suficiente quando minha mãe me levou ao peito e ofereceu o mamilo (eu só gengivas, um gemido desajeitado e sofrido). Os cães se atrevendo a buscar os novos odores do quarto, lambendo manchas suspeitas no chão, desconfiados do meu pai e suas caretas de casca de limão, num medo antecipado das botas nas costelas. Meu pai desconfiado que eu não fosse dele:
— Estou danado se esse maracujá for filho meu.

Minha mãe triste como os cães (um com a fuça no rabo do outro, constatando cheiros conhecidos), a chorar como eu (um gemido mais desajeitado que sofrido). E lá fora as criancinhas bastardas brincando perto das casas, mas longe dos olhares das mães, desmontando insetos enquanto o sol torrava sua pele plebéia, fritando cérebros analfabetos que nunca aprendem a andar, vestir, e se portar como a mãe da Catarina:
— O mancebo pode muito bem ter dinheiro, mas não sabe pegar num garfo.

Devia saber que Catarina não era para mim antes de me tornar o filho bastardo de uma viúva negra que esperou demasiadamente pela morte da careta de limão do meu pai (uma vizinha veio avisar da sua morte no mar, e minha mãe não exatamente pasma, só esquecida de fingir lágrimas).

Devia saber que Catarina não se casaria com um plebeu bastardo de pé boto, mesmo que ele se tornasse o capitão de uma embarcação real e ganhasse 80.000 maravedis por ano (que ainda não é suficiente para manter a Catarina como se deve). Portanto não tenho nada que ficar triste ou admirado ao saber que Catarina casou-se com um nobre veneziano rico, e é agora mãe orgulhosa de quatro meninos gordos e bem educados em algum sítio da Itália, numa mansão que é quase um castelo, com anjos decorativos no telhado que protege sua cútis alva do sol. Mas ao içarmos âncora, penso na minha Catarina, a que inspecionava pedras preciosas que eu trazia das minhas viagens com o mesmo interesse cansado que demonstrava ao olhar os colares coloridos de conchas minúsculas da África Ocidental. A linda Catarina que eu conhecia, fingindo um bocejo e flexionando os dedos longos, sempre me dispensando graciosamente:
— Agora viaja ao Brasil e traz-me uma arara.

Eu penso na Catarina e imagino o que ela fará quando descobrir que sou capitão da primeira embarcação que dará a volta ao mundo (que é um globo), o homem mais intrépido dos nossos tempos. Imagino o que ela dirá quando souber que minha jornada torna ridícula a pequena odisséia insular dos heróis gregos. Estou confiante que, ao retornar, minha Catarina colocará seu melhor vestido, e irá com o rei e toda a sua corte para Cádiz, celebrar minha chegada triunfal.

PRO MUSIC
ESCOLA DE MÚSICA
www.promusic.com.br

A escolha inteligente para quem quer aprender música!

Crianças • Jovens • Adultos
(a partir de 10 meses)

Aulas para todos os instrumentos, canto e Pro-Tools

Matriz:
Av. Nossa Senhora do Carmo, 550 • Bairro São Pedro • 3221 3400

Unidade Buritis:
Shopping Via Werneck
Av. Prof. Mário Werneck 1480, lj. 213 • 2o. Piso • 3378 0180

Literatura de viagem

Pedro Malard Monteiro

Pelo menos 63,7 % da primeira volta ao mundo é um feito português – numa época em que o mundo era plano, habitado por monstros esquisitos, e desprovida de cartões de super-vantagens da Smiles. Quase metade da jornada foi capitaneada por Fernão de Magalhães, nascido e criado em Portugal. É possível que até 14,8 % tenham sido comandadas pelo piloto João Lopes de Carvalho, também nascido e criado em Portugal. Mal-criado porque ele abandonou um filho e mais alguns tripulantes da expedição numa ilha de Bornéu– uma história tão triste quanto longa (o menino não tinha nem 10 anos, era filho dele com uma brasileira legítima: tupinambá, formosa, um pouco tímida, muito nua). A ilha era cheia de canibais caçadores de cabeças humanas, um povo receptivo. Deve ter adorado o menino.
Fernão de Magalhães viveu uma vida muito infeliz, veio de uma família humilde, tinha pé boto, mas não tinha acesso à internet, TV, penicilina, transporte público. Uma tragédia. E ainda morreu mais ou menos no meio da circum-navegação. Dedico a ele o hífen em circum-navegação e algumas dicas básicas:
1) limão evita escorbuto;
2) o Pacífico é maior que o Atlântico;
3) antes de viagens internacionais é preciso ativar o roaming do seu celular ligando diretamente para a sua operadora.

Que a morte de Magalhães sirva de lição para viajantes desavisados: se um líder de uma tribo animista das Filipinas chamado Lapu-Lapu não quiser beijar um crucifixo, receber Jesus Cristo no coração, e afirmar a superioridade moral do rei da Espanha, não insista. Evite brigar com gente armada com lanças. Lembre-se: uma mariposa exótica cravada na cortiça é de mau gosto, mas pode ser bonitinho. Você cravado na praia em Mactan é só de mau gosto.

Das três naus que partiram para a gloriosa volta ao mundo, só uma retornou. Com 18 homens, quase morrendo... 17 deles cheios de histórias mentirosas sobre o que tinha acontecido com os outros. Se não fosse pelo diário de Pigafetta, que nem era o escriba oficial da expedição, Fernão de Magalhães não levaria crédito nenhum. Da próxima vez que você sair de viagem, faça um diário relatando os acontecimentos. Guarde tickets de metrô. Vai que você é falsamente acusado de homicídio e precisa desesperadamente provar para a polícia parisiense que no horário do crime você estava passando por baixo da Place de la Concorde de trem. Vai que além desse episódio você seja assaltado por ciganos na Hungria e raptado por tchecas na República homônima. E se suas fotos de viagem incluírem o momento exato em que salvou um bebê russo de um mega-incêndio no Kremlin, o show de improviso que você deu no festival de Jazz em Berlim, o beijo que você recebeu da Miss Venezuela. Você falará a língua dela, falará da língua dela. Se você é mulher, troce os pronomes masculinos por pronomes femininos, e troque a Miss Venezuela pelo Hugo Chávez. Ele é feio, mas é mais famoso. Mais vale uma boa história que um bom beijo.

(Pausa para refletir sobre a frase anterior)

Mais vale um gosto que um vintém no bolso. Mas não despreze um vintém. Pense nos escritores de best-seller que você pode alcançar:

- Hans Staden – não beijou ninguém, mas quase virou comida de Goytacá. Escapou e fez grande sucesso com seu relato sobre as práticas canibais dos índios brasileiros.
- Américo Vespúcio – contou mais mentiras do que você, e tanta gente acreditou que ele recebeu o nome de um continente inteiro. Ou três, se eu aceitar a contagem do meu livro de geografia do colégio.
- Barão de Munchausen – ele não existe, mente mais que o Américo, e virou até protagonista de filme.
- Homer Simpson – ele é apenas um desenho animado e mesmo assim causou furor na Embratur quando veio ao Rio de Janeiro (a Embratur gostaria de informar que os macacos no Rio não são violentos). Não escreveu nada, mas protagoniza um seriado semanal de sucesso internacional.
- Marco Polo – o livro que narra suas viagens foi sucesso antes da invenção da prensa móvel de Gutenberg. Ele andou até a China, onde já tinham inventado tudo antes dos europeus, inclusive a prensa móvel (lembra a abertura das olimpíadas de Pequim?). Um fenômeno, um Marco Polo Coelho. A alquimia ainda era uma ciência respeitável quando ele começou a fazer sucesso.
- Jack Kerouac – andou de carro nos Estados Unidos. Enfrentou falta de gasolina, preços exorbitantes de sanduíches nas paradas, banheiros imundos. Criou Sal Paradise, um personagem que viaja de carro pelos Estados Unidos e pega disenteria no México. Influenciou Bob Dylan, Jim Morrison, e Malu Magalhães.

Da próxima vez que você sair de viagem, faça um diário relatando os acontecimentos. Guarde tickets de metrô. Vai que você é falsamente acusado de homicídio e precisa desesperadamente provar para a polícia parisiense que no horário do crime você estava passando por baixo da Place de la Concorde de trem.

Notas de uma infeliz que não viaja

Ana Elisa Ribeiro

Se meu pai fosse gerente do Banco do Brasil, eu teria sido obrigada, durante muitos anos, a ter muitos pousos, os mais diversos, até que alcançasse a idade em que já é possível dar o contra com mais contundência. Se meu pai fosse cigano, teria sido fácil encontrar nas veias uma incontida vontade de errar (de errância, caro leitor). Se meu pai fosse retirante, teria sido imperativo cruzar o mapa com sacolas nas costas, magras costas, em busca de qualquer futuro onde se encontrasse água potável ou trabalho. Se meu pai fosse fugitivo de guerra, a viagem talvez fosse parte das memórias mais felizes da família. Se meu pai fosse músico de sucesso, minha infância talvez tivesse sido pegando carona nas turnês dele, entre os roadies e engenheiros de som (quisera Deus que fosse rock'n'roll). Se meu pai fosse um bom turista, talvez eu curtisse gastar uma grana preta nas férias e passar vinte minutos diante de cada monumento (e talvez minha câmera fotográfica fosse melhor). Se meu pai fosse astronauta, muito provavelmente eu e meus irmãos teríamos a meta de ir à Lua um dia, a passeio, se não para morar e começar a especulação imobiliária (se minha mãe fosse corretora de imóveis). Se meu pai fosse taxista, talvez eu tivesse algum gosto por girar o hodômetro e vender carros com mais de 100.000 km. Se meu pai fosse piloto de avião, provavelmente faríamos compras em Miami e teríamos medo de andar de ônibus.

Meu pai é médico, só médico, daqueles que atendem muitos velhinhos e ganham cachaça como pagamento. Clínico, daqueles que não existem mais. Minha infância foi cheia das ausências dele, porque o meu pai dava muitos plantões a vida toda. Meu pai ganhava algum dinheiro com esses plantões e podia nos levar para a praia uma vez por ano. Mais do que isso não dava, porque quando um médico pára de trabalhar, ele também pára de ganhar dinheiro (quando ele é médico e não é um bom negociante). Então íamos para a praia ver o Sol mais de perto e fazer guerrinha de areia. Lá na praia nós fazíamos amigos de infância que duravam quinze dias, vomitávamos o camarão no espeto e pegávamos micoses pro meu pai cuidar. Era bem divertido. Aprendemos a usar protetor solar para não ter queimaduras. Chegávamos a Belo Horizonte, terra de branquelos, e mostrávamos nossas marcas de verão nos ombros (para quem usa sutiã). Duas semanas adiante, na volta às aulas, descascávamos como baratas. Era bem legal.

Míopes não acham fácil viajar. Míopes que usam lentes de contato rígidas precisam de frasqueiras bem grandes. Míopes de lentes não gostam de areia e não apreciam a água salgada do mar azul. Aquele marzão de Deus é bom de olhar. Quando bate o vento, o míope sente um aperto no peito e fecha bem os olhos. Depois, quando tudo se ameniza, ele abre os olhinhos, desconfiado, e admira aquela beleza toda. Míopes sem lentes e sem óculos não vêem nada na praia: só o branco da areia e o azul do mar, mais ou menos na mesma proporção. É divertido à beça.

Depois de alcançar aquela idade em que era possível e contundente dar o contra nas vontades praianas do meu pai, passei a ficar em casa mesmo, onde eu podia estar sozinha e dar festinhas. Meus diários de viagens felizes começam aí. As viagens deles, não as minhas.

Há um discurso hegemônico do qual não se pode discordar em voz alta (então, leitor, tome estas confissões como um sussurro): viajar é bom, faz bem para a cabeça, amplia sua cultura e suas referências, faz você entrar em contato (e em contraste) com o outro, etc. e tal. A maior parte das pessoas que eu conheço, no entanto, sai do lugar, mas elas não estão dispostas a nada disso, de fato. Elas têm passaportes recheados, elas têm milhas de avião, mas elas vão fazer lá o que fazem aqui, elas vão pedir lá o que pedem aqui e elas não vão para qualquer lugar, ter experiências que ampliem seus repertórios e as tornem mais tolerantes. Elas não vão se "misturar" com ninguém, elas não vão aprender com nada. Elas vão, quando muito, seguir um roteiro padronizado pelos amigos delas.

(Sussurrando): Eu sofria para viajar. Levava só bagagem de mão, para ter mais motivos para voltar. Também jamais fiz dessas viagens boas de contar vantagem para os outros. Lá no meu bairro, não era comum as pessoas viajarem de avião (e avião não era o que é hoje). Meu pai só viajou pelo ar uma vez na vida. Guardo o bilhete da Varig até hoje. Foi quando a equipe dele foi comprar a aparelhagem para inaugurar o CTI. O destino era São Paulo, vejam só, tão perto. E ele nunca mais subiu pelos ares. (Sussurrando de novo: há pessoas que não gostam de avião).

Eu adoro um avião e detesto viagens terrestres (isso eu posso falar alto porque é mais chique e fica bem, não é mesmo?). É que minhas tias morreram de acidente e eu fiquei meio cismada. Se precisar eu vou, mas tem de precisar muito mesmo. Se der jeito, vou de avião. É só uma questão de rapidez, nada mais. O lanche é ruim (ainda mais que agora o fornecedor de barrinhas de cereal mudou) e as pessoas continuam fazendo as mesmas coisas que faziam nos ônibus.

Um dia me disseram que ser professor era entediante. Eu descobri que não. Viajo o ano todo, conheci um montão de lugares deste Brasil (e daqui a pouco de fora dele), tudo por conta da profissão. Vai ali dar uma palestra, vai acolá fazer banca de concurso, mais além assistir a uma conferência. Brincando, vi mais praias do que meu pai em toda a vida dele e conheço o mapa, a bem dizer, de cima embaixo (mais em cima do que embaixo). Lá da varanda do hotel eu via os arrecifes. Não chego nem perto das praias até hoje, nem volto queimadinha, descobri, faz tempo, que ser branquela é bonito e dá menos trabalho, mas vejo lá de cima o mar azul e ouço o barulho das ondas batendo nas pedras.

Viajar é um conceito. Questão de experimentar. Não é questão de comprar passagens. Eu não seria piloto, nem astronauta, nem gerente do Banco do Brasil. Eu escolheria profissão mais sossegada. Quem mora em outras cidades é que sente as dores e as delícias da experiência, da vizinhança, dos costumes, dos cheiros. Esses verões de quinze dias fazem bem mesmo é para nossa coleção de fotografias.

Pós-Graduação em Projetos Editoriais Impressos e Multimídia
Inscrições Abertas - Desconto especial para matrículas antecipadas
Conheça outros cursos nas áreas de: Comunicação • Gestão • Direito • Design • Meio Ambiente • Engenharia de Produção • Tecnologia • Educação e Cultura • Saúde
una PÓS-GRADUAÇÃO
www.una.br

A realização de eventos e a nova lei do silêncio

Núria Bertachini

A forma como vem sendo aplicada a recente Lei Municipal de Belo Horizonte que regula os limites de poluição sonora, também conhecida como "a nova Lei do Silêncio" (Lei n° 9.505/2008), está tirando o sono de músicos, produtores, agentes e outros profissionais que atuam na área do entretenimento e da cultura.

Aliás, há pelo menos dois anos a legislação municipal sobre o controle de poluição sonora na capital mineira vem causando alvoroço. As discussões entre representantes de diferentes órgãos da Prefeitura, vereadores e donos de bares, restaurantes, boates, shoppings e demais estabelecimentos de lazer e entretenimento tiveram início antes mesmo de ter sido promulgada a polêmica Lei nº 9.341/2007. Esta lei previa limites de emissão de ruídos extremamente rigorosos, quase impossíveis de serem atendidos. A lei estipulava, ainda, como penalidades multas entre R$ 2.500 e R$ 180.000. A controvérsia era tal, que, além de ter sido parcialmente vetada pelo então prefeito Fernando Pimentel, a antiga "Lei do Silêncio" foi objeto de uma Ação Direta de Inconstitucionalidade e acabou sendo revogada em 2008 pela Lei nº 9.505/2008, atualmente em vigor.

Pouco mais branda que a legislação anterior, nossa atual Lei do Silêncio prevê como penalidades multas que variam entre R$ 80 e R$ 30.000, podendo culminar, nos casos de reincidência, com a interdição total ou parcial das atividades e a posterior cassação da licença ou do Alvará de Localização e Funcionamento de Atividades. Assim, a nova lei ainda é severa ou pouco adequada à realidade de um grande centro urbano, principalmente quanto à definição de "período noturno"- aquele compreendido entre as 22h e 7h da manhã - durante o qual a emissão de ruídos deve ser reduzida a 50 decibéis. A lei "flexibiliza" a definição deste período, estendendo-o até as 23h das sextas-feiras, sábados e vésperas de feriados. Porém, independentemente do dia da semana em que o evento ocorra, após a meia-noite, o nível de emissão de ruídos deve ser reduzido a 45 decibéis, o que equivale ao ruído de um aparelho de TV de uso doméstico, ligado em volume médio, ou ao toque de um telefone celular.

Para que se tenha uma idéia, durante as discussões referentes ao projeto da Lei em questão foram constatados valores entre 64 e 80 decibéis na área externa do plenário da Câmara Municipal, ultrapassando até mesmo o valor máximo determinado pela nova lei.

Percebe-se, assim, como os limites pouco plausíveis impostos pela lei são facilmente extrapolados em atividades cotidianas. O que dizer, então, quanto à possibilidade de cumprir tal lei quando se realiza um evento musical de grande porte em espaço aberto, por exemplo?

Trata-se de um ponto que passou quase despercebido após tantas discussões a respeito do tema: a forma distinta como devem ser regulados eventos temporários - tais como shows, festivais e exposições, que geralmente ocorrem em locais não dotados de estrutura fixa - em relação às atividades permanentes, que teoricamente justificariam certo rigor em razão de seu caráter contínuo.

Segundo a lei em vigor, enquanto as atividades permanentes devem obedecer aos limites da própria Lei do Silêncio, os eventos devem ser submetidos à Lei n° 9.063/2005, que regula os procedimentos e exigências para a realização de eventos no Município.

Em outras palavras, de acordo com a nova Lei, os limites para emissão de ruídos em eventos devem ser definidos durante a fase de licenciamento, o que permite aos órgãos da administração pública considerar as peculiaridades caso a caso.

Esta diferença de tratamento foi incorporada ao texto da lei atual após as críticas e reivindicações de profissionais da área da cultura e do entretenimento, sindicatos e também de órgãos da administração pública indireta, como a Belotur, que se articularam durante o processo de elaboração da nova Lei do Silêncio.

No entanto, apesar de todos os esforços realizados para excluir os eventos dos rígidos limites trazidos pela Lei do Silêncio e submetê-los a limites mais condizentes com seu caráter temporário e excepcional, esta não tem sido a praxe em alguns processos de licenciamento de eventos. Ao deixar de definir limites específicos para os eventos durante a fase de licenciamento, a administração pública "dá com uma mão e tira com a outra", tornando ineficaz a previsão de tratamento diferenciado. Como conseqüência, a fiscalização vem utilizando equivocadamente os parâmetros da Lei do Silêncio sem observar as peculiaridades inerentes aos eventos, desencorajando os empreendedores do setor.

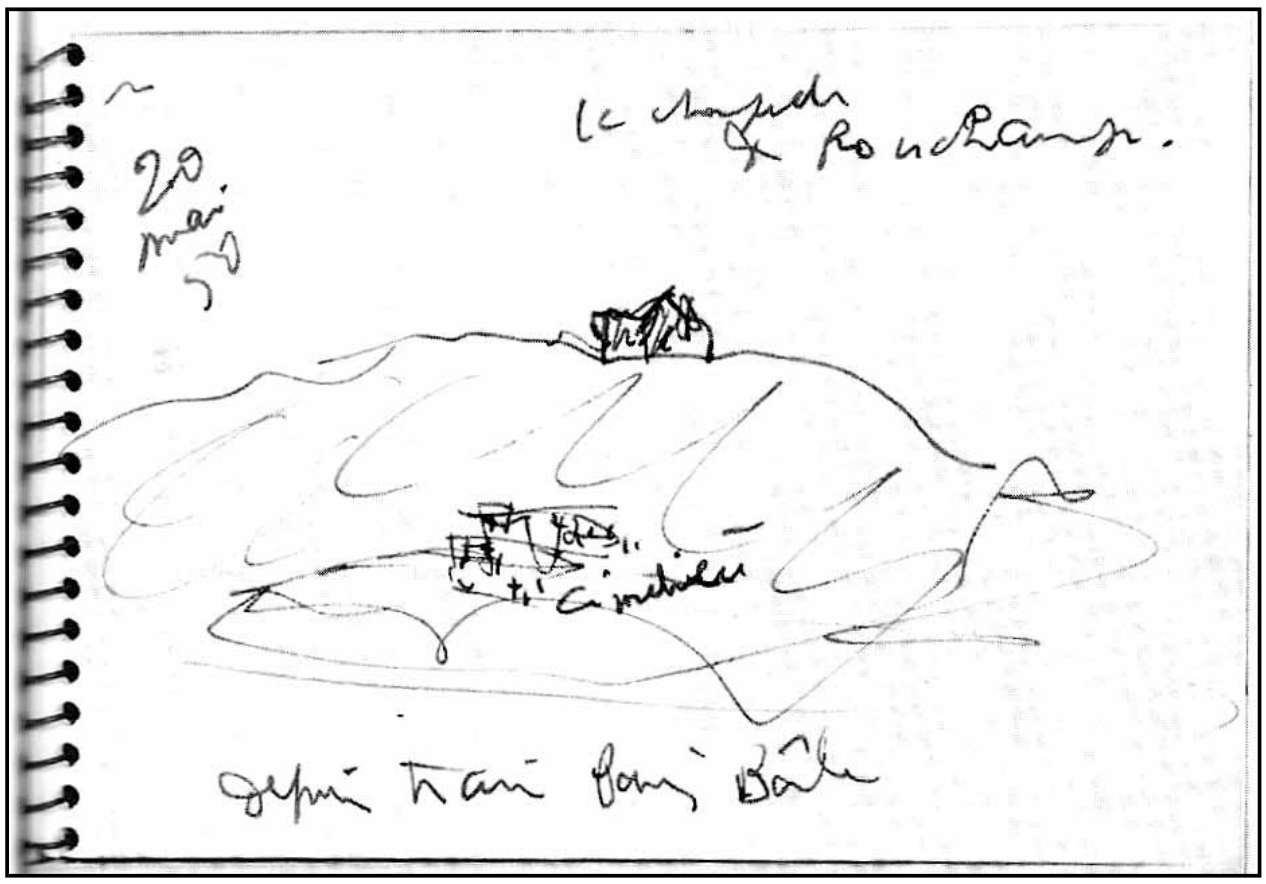
Se a Lei do Silêncio continuar sendo aplicada de forma inadequada, isto é, tratando os eventos com o mesmo rigor com que trata as atividades permanentes e distribuindo com fartura multas triplicadas e sanções de interdição, acabará por tornar impossível a realização de eventos em espaços abertos, o que prejudica os interesses da coletividade, além de impor à economia da cultura – que felizmente vem crescendo a passos largos no município de Belo Horizonte – ônus desproporcional aos supostos danos ambientais.

Assim, é preciso que os profissionais da área de gestão cultural e de entretenimento fiquem atentos durante a fase de licenciamento de eventos e exijam dos órgãos da administração pública afetos à matéria que estipulem limites de emissão de ruídos coerentes com o caráter excepcional e temporário dos eventos, que por vezes reúnem enorme quantidade de pessoas. É necessário, também, que a definição dos limites de emissão de ruídos provenientes de eventos concilie a preocupação com os impactos ambientais, com o direito de acesso à cultura e o desenvolvimento do turismo e da economia.

Se a Lei do Silêncio continuar sendo aplicada de forma inadequada, isto é, tratando os eventos com o mesmo rigor com que trata as atividades permanentes e distribuindo com fartura multas triplicadas e sanções de interdição, acabará por tornar impossível a realização de eventos em espaços abertos, o que prejudica os interesses da coletividade.

Núria Bertachini é advogada associada do escritório Drummond & Neumayr Advocacia, o qual há mais de dez anos atua exclusivamente na área cultural e é responsável pelo site informativo www.direitoecultura.com.br. Sugestões de temas para a coluna: contato@direitoecultura.com.br.

Arquiteto viajante



Ronchamp vista do trem, maio 1950

Mas quando tudo é festa no Rio, quando tudo é tão sublime e magnífico, quando, no avião, fizemos durante tanto tempo o papel de pássaro planador, então as idéias nos assaltam. A bordo do avião peguei meu bloco de desenhos e desenhei à medida que tudo se tornava claro para mim. Exprimi idéias de urbanismo moderno. E como estava por demais repleto de entusiasmo, falei disso a meus amigos, expliquei os desenhos que havia feito no avião e aqui está: vou falar-lhes do Rio.

Le Corbusier. Corolário Brasileiro. In: Precisões, p. 230.

Carlos Alberto Maciel

Arquitetos, por tradição ou necessidade, marcaram a história dos registros de viagem ao longo do século XX. O mais famoso e produtivo arquiteto viajante produziu não menos do que 2191 páginas e mais de 4000 desenhos em seus cadernos. Os famosos caderninhos usados por Le Corbusier registraram ao longo de mais de 50 anos desde paisagens bucólicas em sua viagem ao oriente, realizada em 1911, quando tinha pouco mais de 20 anos, até detalhes arquitetônicos imaginados em algum momento de sua vida madura de arquiteto, ou mesmo partes de seu testamento. Cuidadoso com a posteridade, talvez intuindo a importância de sua obra para a arquitetura do século XX, Le Corbusier assinava e datava cada um de seus desenhos.

Muitos projetos do mestre franco-suiço tiveram seus primeiros registros nas páginas dos cadernos de viagem. Quando veio à América Latina no final dos anos 20, deixou ali desenhadas belas paisagens do Rio de Janeiro, e também as radicais propostas para edifícios-viaduto serpenteando em meio às montanhas da cidade. Os mesmos grandes edifícios que circundavam as montanhas do Rio organizavam-se em uma cruz infinita em São Paulo e Montevideo. Imaginar tais edifícios só foi possível porque a viagem era de avião - um vôo inaugural da Companhia Sul Americana de Navegação Aérea, de Buenos Aires - , possibilitando um sobrevôo raro para aquela época, que revelava as virtudes das diferentes paisagens da América. Talvez só tenham sido realizados porque, naquele avião de 10 lugares, o caderno de viagem estava presente. Servia, em um primeiro momento, para registrar a paisagem; e, em seguida e imediatamente, para imaginá-la diferente.

Em outros dois projetos - o Convento dominicano de la Tourette e a Capela de Notre Dame du Haut, em Rochamp, ambos na França - os cadernos de viagem tiveram participação fundamental na gênese e no desenvolvimento das idéias de Le Corbusier. Em La Tourette, construído em Eveaux-sur-l'arbresle, próximo a Lyon, a essência da vida monástica experimentada no Convento dos Cartusos da Ema, em sua viagem à Itália nos anos 10, lhe permitiu reeditar a virtuosa diferenciação entre reclusão individual e vida coletiva. Durante o desenvolvimento do projeto, ao ser solicitado pelos dominicanos para suprimir, por razões econômicas, as loggias do projeto, respondeu a um de seus colaboradores: "Eu não quero suprimir as loggias, que são no meu ponto de vista a chave mesma que inspirou toda a minha arquitetura doméstica a partir de 1907 [quando conheci] o Convento dos Cartusos da Ema na Toscana. Você publicou, salvo engano, o croqui que fiz àquela época, e onde o acontecimento da meditação solitária diante da natureza me tocou de uma vez por todas."[1]

Em Ronchamp, a forma das torres e especialmente a qualidade da luz interna definida pelas altas aberturas foram recuperadas de croquis da Villa Adriana, visitada naquela mesma viagem. Tudo bem registrado em seus cadernos. Outro ponto fundamental que revela a origem para as formas de Ronchamp, absolutamente relacionadas com as experiências de viagens e seus registros sistemáticos, é a constante referência à forma de objetos não arquitetônicos 'colecionados' pelo arquiteto ao longo de sua vida. A esses objetos Le Corbusier dava o nome de objets à réaction poétique. Desse modo foi concebida a cobertura da capela, cuja forma remete a um casco de caranguejo encontrado pelo arquiteto em Long Island, em sua viagem aos Estados Unidos em 1947.

Um importante aspecto do processo de criação de Le Corbusier revelado por seus cadernos de anotações é o confronto inicial com os diversos lugares em que projetou. São inúmeros os registros, realizados desde diversos pontos de vista e de distintos meios de locomoção. Desde o avião ou de um Zeppelin, que lhe permitiam a então nova e rara visão de pássaro, até a observação rápida da montanha sobre a qual construiria Ronchamp e da ruína da igreja destruída pela guerra, tudo isso visto da janela do trem que o levava a Belfort. Lugares e paisagens eram anotados com a precisão de arquiteto formado em berço de relojoeiros, não apenas como recordação de viagem, mas tratados como documentação para os projetos, relacionando dados e impressões fundamentais para a concepção de alguns dos mais importantes edifícios do século XX.

Mistura de registro e invenção, os diários de viagem de Le Corbusier vão muito além dos lugares, das paisagens e das culturas neles registradas. Demonstram que toda invenção arquitetônica está ancorada em um profundo conhecimento da história, da geografia e dos modos de vida. Comprovam, como diz Herman Hertzberger, que não há output sem input. Que arquitetura não se faz a partir de páginas em branco.

1 FONDATION LE CORBUSIER. Carta de Le Corbusier a A. Wogenscky, 13/05/1956, correspondência K 3-7, doc. 763.

Para saber mais:

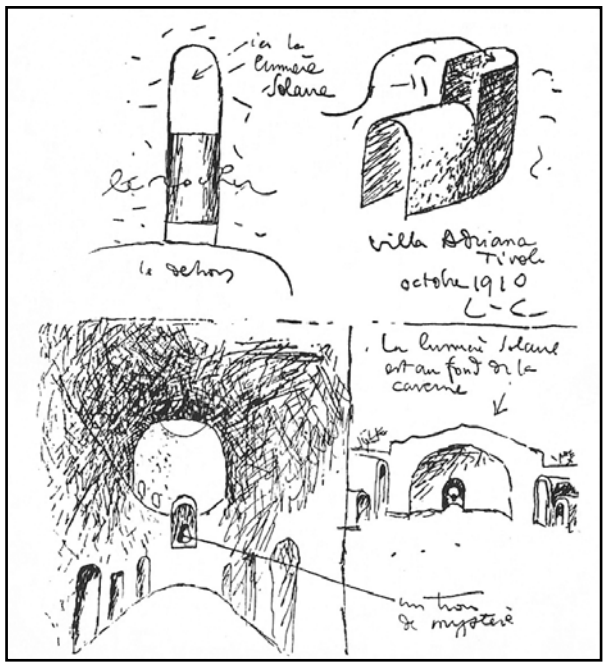
- Le Corbusier. A viagem do Oriente. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Le Corbusier Sketchbooks - 4 Vol. Cambridge, MA: The Mit Press - Fondation Le Corbusier, 1981-87.

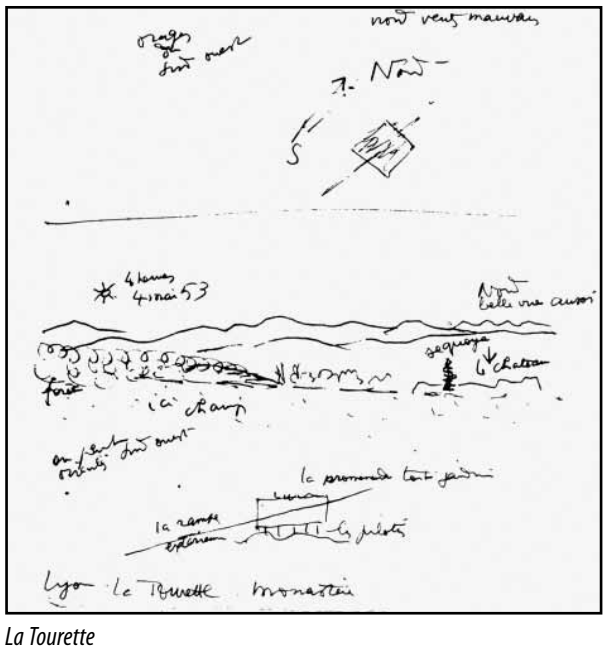
- Le Corbusier. Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- PAULY, Danièle. Le Corbusier: la chapelle de Ronchamp, the chapel of Ronchamp. Paris: Fondation Le Corbusier, 1997.

FERRO, Sérgio et al. Le Corbusier: le couvent de la Tourette. Marseille: Parenthèses, 1987.

Carlos Alberto Maciel é arquiteto e urbanista, mestre pela EA-UFMG. Professor de projeto e história, editor e fundador da revista de arquitetura MDC, sócio do escritório Arquitetos Associados.



Croqui da Vila Adriana, Tivoli, 1910



La Tourette

Todo ator tem um caderno

DIVULGAÇÃO

Notas de um processo de criação

Samira Ávila

Um caderno ou um pedaço de papel que seja. Um lugar seguro onde as coisas pareçam ficar mais organizadas. Algo que resuma o que é possível ser dito do momento de criação. O caderninho acompanha a gente. E ele vai tomando corpo, ficando estufado de pedaços da coisa que está sendo construída no processo. Pensamentos, textos e frases. Muitas frases e palavras extremamente grifadas e intensas, esboços e desenhos tímidos ou elaborados, colagens, rasuras. Sim, muitas letras e idéias cortadas. Páginas saltadas em branco também. Páginas excessivamente carregadas.

Cinco meses de criação no espetáculo Fala Comigo como a Chuva deram mais que um caderninho e montes de notas. Hoje, seguindo as páginas depois da obra teatral já pronta, revisito o processo registrado, desde o primeiro dia de chuva. Seguem fragmentos retirados do diário de bordo deste processo de criação:

"Fala comigo como a chuva.
É bom pensar na língua da chuva pra começar. Voz de chuva, fala de chuva.
Ensaiamos num dia de chuva. O primeiro encontro foi em chuva. Na hora pensei nisso, que as palavras tinham que cair de algum jeito que, ao tocar (o solo, o corpo, o parapeito da janela ou a vidraça) mudassem alguma coisa: o cheiro, a textura, o ritmo, as cores das coisas".

Terça-feira, 15 de janeiro de 2008

§

"Um exercício: olhar o que uma chuva causa.
A chuva de Tennessee Willians, no texto, não é tempestade, não faz alvoroço. É chuva companheira de tarde na janela. Chuva que começa com restinho de sol e continua no cinza até fazer noite.
Dá coragem porque provoca movimento. E essa mulher, personagem sem nome, que começa a fazer o movimento de algo que começa a cair e que segue sem cessar. Nada pode ter muito peso, por mais que o pareça".

Sem data

§

"Uma imagem:
ROUPAS NO VARAL EM DIA DE CHUVA (tenho certeza que algum poeta já falou disso).
Displicência, descuidado. Acho que a Mulher é essa roupa.
Antes de se prender ao texto dramático é necessário criar o universo do personagem. Abandono. Horas sentada numa cadeira, secando. Quieta, pequena, muda, seca e dura como um pano de chão endurecido pelo sol. LONGOS CABELOS. Sim, é necessário. Não só para a estréia, mas para os ensaios. É necessário".

Quarta-feira, 06 de fevereiro de 2008

§

"Li que uma moça autista criou uma "máquina do abraço". Um lugar rodeado de almofadas onde ela pudesse se posicionar no meio para se sentir abraçada. Sem ter contato com o outro. Mas se sentindo RECONFORTADA. Não consigo parar de pensar nisso. Hoje busquei o alheamento da Mulher, o abandono do corpo, um estado de absurdo".
"Para o corpo, posso buscar algumas características que anotei deste livro sobre autismo:
Riso inapropriado
Pouco ou nenhum contato visual
Perceptível hiperatividade ou extrema inatividade
Acessos de raiva
Age como se fosse surdo (será? experimentar)
Dificuldade de iniciar ou manter uma conversa."

Quinta-feira,13 de março de 2008

§

"Quando ela ri, dói nela."

Sem data

§

"Texto da Mulher, esse meu personagem sem nome, de Tennessee Willians:
- Eu lerei grandes livros e os diários de escritores já mortos. Eu vou me sentir mais próxima deles do que das pessoas que eu conheci antes de ter me retirado do mundo. Essa minha amizade com os poetas mortos vai ser doce e refrescante porque eu não terei que tocá-los e nem responder às suas perguntas."

(WILLIANS, 1953)

§

"Escritores já mortos. Lembro-me do filme "A sociedade dos poetas mortos" e de Walt Whitman: "Oh Captain, My Captain!""

(WHITMAN, 2006)

§

"E tem Fernando Pessoa. Reler: O livro do Desassossego".

Terça-feira, 22 de abril de 2008

§

"A arte de perder não é nenhum mistério
Exato momento de perder-se.
Desconstruir. Ai, eu que sou tão apegada a uma revista velha que fosse!
A GENTE SÓ ESTRANHA O QUE RECONHECE. Bom".

Sexta-feira, 02 de maio de 2008

§

"Do ensaio de hoje, um amigo daqueles com muito respaldo de fala, viu em cena um "catálogo de neuroses". Sim, estão todas ali naquele espaço-lugar onde os dois estão.
Até que ponto uma relação pode deformar (e agitar) a alma? Cada um tem seu exemplo, às vezes - muitas vezes - na primeira pessoa. Essa mulher fala coisas pra dizer outras coisas ainda. Pensamos nisso. O que se insiste tanto em não dizer?
"Do momento em que me resignei, perdi toda a vivacidade e todo o interesse pelas coisas. Você já viu como um touro castrado se transforma num boi? assim fiquei eu..., em que pese a dura comparação. Para me adaptar (sic) ao que era inadaptável (sic), para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus aguilhões - cortei em mim a força que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também a minha força"

(LISPECTOR, 2002). Sábado, 10 de maio de 2008

§

Ao reler esses fragmentos, lembro-me do percurso, da viagem. E é com carinho e cuidado que coleciono os registros de todos os trabalhos nos quais estive envolvida. Sim, todo ator guarda seu diário de bordo, que aponta o processo de criação particular a cada obra. Nossas viagens são também descobertas e desbravamento de um lugar ainda desconhecido, com uma rotina intensa e curiosa em busca do novo. Assim como uma viagem a uma cidade, estado ou país cada processo guarda memórias que ficam impregnadas à vivência, que modifica o sujeito ao final do percurso. O período de criação de uma obra - desse lugar que ainda não existe - guarda cheiros específicos e músicas próprias. O diário registra as descobertas: novos autores e livros, filmes, sonhos, novas pessoas, experiências sensíveis e sensoriais particulares. Ao final, o percurso sempre confere mudanças e estabelece novas referências.

Em teatro o "cartão postal" do lugar para onde viajamos só fica pronto ao final e é a própria obra, a ser vista pelas pessoas em um espetáculo. No caso da minha última "viagem", as palavras escritas um dia antes da estréia, já apontavam esse novo lugar:

Sonia Lins, sobre a arte:
"A generosidade. Haverá arte sem ela? Quando a arte que morava em você é expulsa como um vômito que nada pode segurar, você se reparte e se oferece aos pedaços sem querer saber se o que faz ou o que mostra é bom ou mau - é você e nada mais - não há troco a ser conferido"

(LINS, 2003)

§

"Eu também estou por aqui, sem conferir nenhum troco. "Fala comigo" é um dos raros momentos na vida de um artista onde pouco importa tudo o mais, a não ser a obra. O fazer. O querer simplesmente fazer porque se precisa fazer. Não há troco a conferir. Simplesmente é. Desculpem-nos, mas nada foi calculado. Não temos estratégia. Estamos, essencialmente, pairando em um lugar que criamos, que amamos, que não é melhor nem pior que o do meu vizinho do bairro. Um lugar vivo, generoso e imponderável!".

Quinta-feira, dia 29 de maio de 2008

*O espetáculo Fala comigo como a chuva, com os atores Luiz Arthur e Samira Ávila sob direção de Cynthia Paulino, estreou em Belo Horizonte no dia 30 de maio de 2008.

Referências Bibliográficas:

LINS, Sonia. O livro das sabedorias, Rio de Janeiro, 2003.
LISPECTOR, Clarice. Correspondências - Clarice Lispector (organizado por Teresa de Monteiro), Rio de Janeiro, Rocco, 2002. Baseado em cartas pessoais trocadas com Lucio Cardoso e sua irmã Tania.
WILLIAMS, Tennessee. 27 Wagons Full of Cotton and Other One Act Plays, trad. de Maria do Carmo de Ávila. New Directions, NY (revised), 1953.
WHITMAN, Walt. Leaves of Grass. Tradução e posfácio Rodrigo Garcia
Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2006.

Samira Ávila é atriz, professora de teatro e mestranda em Letras na UFMG.

2008 revisto

Em discos:

Ano cheio de relançamentos em que, ainda assim, surgiram algumas novidades e muitos nomes se solidificaram. O Jazz é, cada vez mais, uma música internacional. Na lista abaixo há músicos suecos, argentinos, panamenhos, mexicanos e isaraelenses. Não sei se os 14 discos citados são os melhores de 2008. Estou certo que foram os que mais ouvi, e se um dia você passasse lá em casa, eu ficaria muito feliz em te mostrar (em negrito, os mais importantes):

• Charles Lloyd – Rabo de Nube – o velho mágico tira mais um coelho da cartola. O truque neste disco é Jason Moran ao piano. Poesia pura.

• James Carter – Presente Tense – tem de tudo: funk, blues, bop, baladas, free, etc, com Carter tocando: tenor, soprano, barítono, flauta e clarone.

• Brad Mehldau – Live - Havia escrito no Letras de Maio que este disco estaria na lista de melhores de 2008. Tudo que este trio gravou e gravará é digno de atenção especial.

• Aaron Parks – Invisible Cinema – um grande resumo de tudo o que acontece no Jazz de hoje. O pianista-compositor de 25 anos gravou um disco livre de defeitos.

• E.S.T. – Leucocyte – É pertubador ouvir este disco e saber que com a morte do líder Esbjorn Svensson, o E.S.T. deixa de existir. Ousado e essencial.

• Kurt Rosenwinkel – The Remedy – Gravado ao vivo, o guitarrista está à vontade. Seu alter-ego, o saxofonista Mark Turner, quase rouba o show.

• Brian Blade – Season Of Changes – O baterista de 38 anos mostra o quanto seu trabalho está maduro no seu terceiro disco.

• Guillermo Klein – Filtros – Uma orquestra maravilhosa. O argentino Klein, que hoje vive entre NY, Buenos Aires e Barcelona, faz uma rica e apimentada salada.

• Bobo Stenson – Cantando – Minimalista, lírico e Free. Descoberto por C. Lloyd, Stenson é hoje, o grande pianista de Jazz da Europa.

• Danilo Perez – Across The Crystal Sea – O pianista e seu trio (Christian McBride e Lewis Nash) acompanhados por orquestra de cordas regidas por Claus Ogerman. Lindo.

• Pat Metheny Trio – Day Trip – O guitarrista relê algumas obras (The Red One, When We Were Free) em um de seus melhores discos.

• Ahmad Jamal – It's Magic – Um dos últimos heróis do Jazz. Está tudo alí: o uso de espaço tão admirado por Miles Davis, o piano tocado como uma orquestra.

• Avishai Cohen – Gently Disturbed – Trio liderado pelo baixista. 11 faixas que trazem sons do mundo todo: EUA, Brasil, Oriente. Muito complexo e, ainda assim, simples.

• Sonny Rollins – Road Shows – lançamento de um apanhado de várias apresentações do gênio. Escolhidas pelo próprio Rollins, nada se perde.

Em shows:

Platéias e ruas lotadas. Shows inesquecíveis. Muitas surpresas. Se o dólar ficar quietinho e se esta crise passar logo, 2009 promete. Não dá para esquecer 2008:

• Dave Holland – Mistura Fina (R.J.) 22 e 23 de Janeiro – o melhor GRUPO de Jazz da atualidade. Duas noites, quatro shows, cinco feras.

• Rosa Passos – Teatro Fecap (S.P.) 06 de Março – Cantou, entre outras, Tatuagem e Atrás da Porta. Ai, ai...

• À Deriva – Savassi Festival (B.H.) 03 de Agosto – Estes rapazes de São Paulo conseguiram silenciar 5.000 pessoas em plena Savassi. Belo show.

• Vana – Savassi Festival (B.H.) 03 de Agosto – e não é que o alemão tem zirigidum?! Simpatia e categoria lado-a-lado.

• João Donato – Festa da Música (B.H.) 29 de Agosto – Showman é apelido. Swing correndo nas veias. Viva João Donato!

• The Third World Love – Tudo É Jazz (Ouro Preto) 12 de Setembro – O trompete de Avishai ecoando pelo espaço. A felicidade de Omer Avital.

• Kurt Rosenwinkel – Tudo É Jazz (Ouro Preto) 12 de Setembro – O trio já estava ótimo. Aí entrou o pianista Aaron Goldberg e fez tudo ficar melhor ainda.

• Jason Lindner Big Band – Tudo É Jazz (Ouro Preto) 12 de Setembro – Duas horas de show varando a madrugada de Sábado. Anat Cohen no sax e clarineta.

• Christian McBride – Tudo É Jazz (Ouro Preto) 13 de Setembro – O melhor show do Tudo É Jazz.

• Enrico Pieranunzi – Auditório Ibirapuera (S.P.) 24 de Outubro – O italiano arrancou lágrimas de muita gente. Bill Evans com Keith Jarett ma non troppo.

• Sonny Rollins – Parque do Ibirapuera (S.P.) 25 de Outubro – A maior lenda viva do Jazz. Duas horas de show sob um solzão. Tem gente que só volta da viagem em março.

• Chico Amaral – Bar Marquês (B.H.) 02 de Dezembro – De repente, no meio do show Chico emenda Bachianas nº5 com Concerto de Aranjuez. Obrigado.

Descansem em paz:

Dennis Irwin, baixista, 56 anos; Esbjorn Svensson, pianista, 44 anos; Freddie Hubbard, trompetista, 70 anos; Frank Morgan, saxofonista, 73 anos; Hiram Bullock, guitarrista, 52 anos; Johnny Griffin, saxofonista, 80 anos; Neal Hefti, compositor, 85 anos; Oscar Peterson, pianista, 82 anos; Ronnie Mathews, pianista, 72 anos; Teo Macero, produtor, 82 anos; William Claxton, fotógrafo, 80 anos.

onjazz@uai.com.br

2009

Prazer de aprender Francês na Aliança Francesa de Bello Horizonte!

- Jovens e Adultos
- Cursos intensivos e extensivos
- Aulas individuais
- Conversação
- Única instituição credenciada a realizar os exames oficiais dos governos francês e canadense: DELF/DALF, CAPES/CNPQ, TCF, TEF ...
- Biblioteca e revistas
- Eventos culturais Ano da França no Brasil : palestras, espetáculos, exposições ...

AllianceFrançaise

Rua Tomé de Souza, 1418- Savassi • (31) 3291-5187
www.aliancafrancesabh.com.br
Próximo ao Minas Tênis Clube 1

Obras "únicas": artes plásticas

(parte II)

Nísio Teixeira

Como visto na edição passada, temos a evolução de uma economia das artes plásticas em que o artesão com conhecimento histórico é gradativamente substituído pelo artista inspirado e autoral, que constrói sua reputação não de maneira isolada, como visto acima, mas junto a determinado "mundo da arte". Sagot-Duvauroux (2003) aponta conseqüências da incerteza provocada pela inter-relação de todos esses agentes no mercado de arte contemporâneo, o que leva, muitas vezes, os colecionadores a um comportamento seguido por alguns desses agentes (negociadores, curadores ou mesmo outros colecionadores), aos quais se atribui o conhecimento acerca das obras.

De toda forma, atualmente, também vimos que a autenticidade tem o maior peso no preço da arte. Se houver qualquer dúvida acerca da origem do trabalho, seu preço certamente vai cair – como visto no caso de um Velázquez citado na edição passada. Certificados de pintores, nomes de antigos proprietários e bibliografias são elementos de informação que elevam o preço das obras. Uma vez que elas estão na mesma faixa de valor, aí sim podem entrar em cena o tamanho, a técnica utilizada, o estilo ou algum tópico subjetivo. Assim estritamente, e de forma similar, um desenho é mais barato que um guache, o qual, por sua vez é mais barato que um quadro a óleo ou em acrílico e um trabalho em papel é mais barato que um trabalho produzido em tela.

Benhamou distingue outras três possibilidades de entendimento do mercado de arte: estereotipado, tombado e contemporâneo. O primeiro, destinado à decoração, é de competição monopolística, goza de público amplo e oferta abundante. As obras tombadas, por sua vez, têm o valor garantido pelo julgamento da história e oferta rígida. Já as contemporâneas têm oferta mais fluída; nos dois casos, o público é restrito e poucos são os atores (oligopólios). Como citado, marchands, críticos, leiloeiros oficiais, conservadores de museus, professores de escolas de arte, *galeries leaders* e colecionadores intervêm no mercado fazendo e desfazendo as modas e as classificações. "Quando a 'comunidade de gosto', constituída por esses atores, diminui, os mercados de arte sentem os efeitos. As políticas de aquisição dos museus contribuem para a formação do valor e dos preços." (Benhamou, 2007, p. 77)

Têm destaque nesse cenário não só as galerias de arte, mas também feiras e salões, além de casas de leilão como a Sotheby´s ou Christie´s, que praticamente dividem a melhor fatia do mercado internacional entre si. Benhamou lembra que coube a Paul Durand-Ruel, marchand dos impressionistas, estabelecer, já em 1880, as bases do sistema atual das galerias: opera-se com obras em consignação: "50% do valor da venda da obra ou conjunto; pagamento mensal ou aluguel do espaço físico do artista e busca-se ainda a visibilidade dos salões e feiras, quando uma pequena galeria tem a chance de ter mais visitantes que em um ano". (Benhamou, 2007, p. 78 e 80)

Apesar do orçamento apertado em alguns casos, não se pode descartar também o papel do apoio público ao grande mercado de arte – se considerarmos, por exemplo, o dinheiro gasto por museus na aquisição de obras. "Na França, dois mil ateliês pertencem ao Estado ou a municipalidade. Além da possibilidade de ter acesso a tais ateliês, os artistas gozam de diversos tipos de apoio (bolsas, prêmios, encomendas públicas...). Parte considerável da arte contemporânea existe quase que exclusivamente em função dos museus, as únicas vias de escoamento para obras gigantescas". (Benhamou, 2007, p. 153).

A revista *Time*, em maio de 1994, lembrou que "o mercado de arte não é como nos outros mercados culturais, o dos livros ou o dos filmes. Para fazer um best seller, é preciso que cem mil pessoas gastem, cada uma, US$ 24,95 – um pequeno plebiscito. Mas bastam dois colecionadores decididos para manter um quadro à estratosfera". (*Time* apud Benhamou, 2007, p. 84). "De todo modo, como observa William Grampp, 'o apreciador prudente – o amador de arte que não é um *risk lover* – compra obras pelo prazer de possuí-las. Para investir ou especular, vai procurar outro tipo de ativos'" (Grampp apud Benhamou, 2007, p. 86). A diferença de rentabilidade entre o ativo artístico e o ativo financeiro representa apenas o preço do prazer estético, segundo Baumol, autor que reitera esta e aponta outras características bem específicas desse mercado, aqui resumidas por Sagot-Duvauroux (2003, p.50):

I. nos mercados financeiros, um alto número de produtos homogêneos e substituíveis são estocados, vendidos e comprados, mas o grau de substitutibilidade é quase nulo no caso da produção artística, dado o fato de que são únicos;

II. o proprietário de um trabalho de arte tem o seu monopólio, enquanto qualquer grupo de ações é gerenciado por um grande número de indivíduos independentes um do outro;

III. as transações relativas a ações são contínuas enquanto transações referentes a uma única obra de arte podem durar décadas;

IV. os custos de permanência e transação são mais altos para obras de arte do que para estoques e ações: custos de segurança são altos, existem débitos tanto pelo vendedor quanto pelo comprador em um leilão, embora, por outro lado, as taxas referentes a esses bens sejam mais vantajosas e

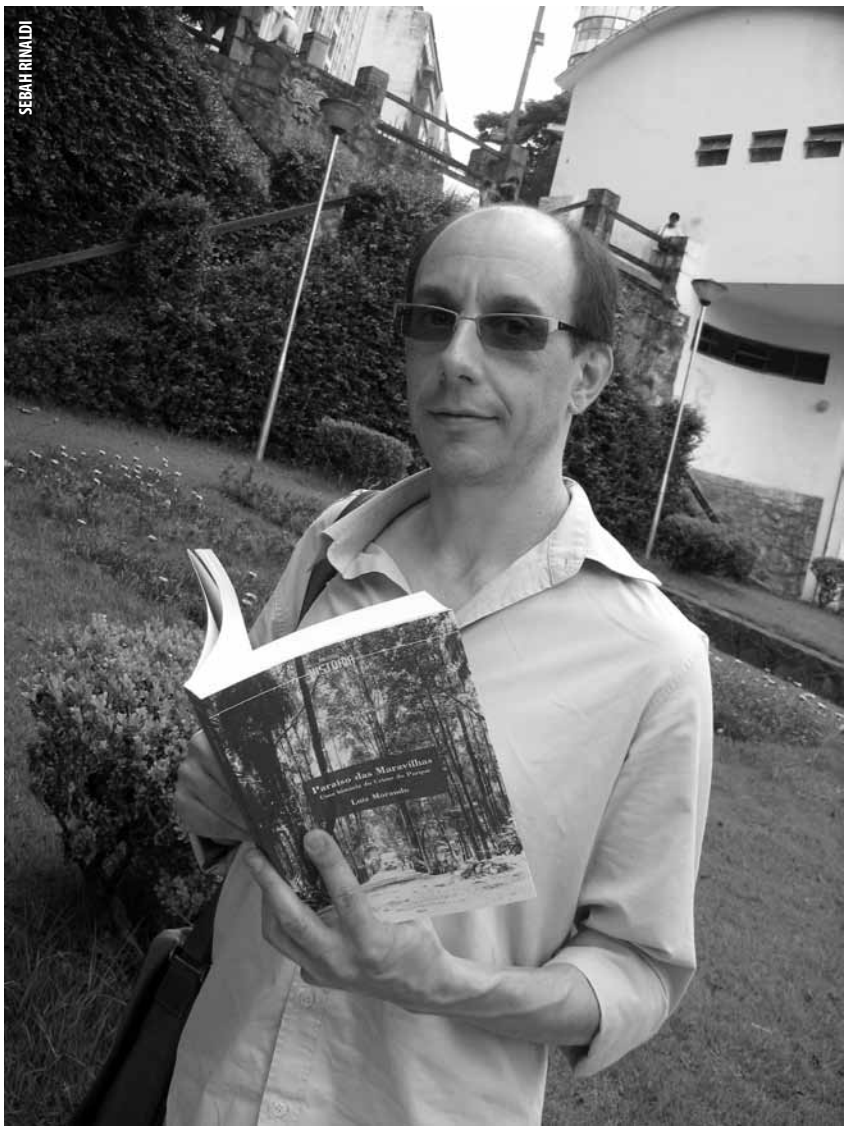
V. finalmente, arte, ao invés de ações, não provê nenhum dividendo monetário positivo; sua posse, aliás, pode implicar em dividendos negativos na forma de custos em seguros e restauração; mas, contudo, permite dividendos psicológicos na forma de consumo cultural e serviços ao longo da vida: a intensidade destes serviços determina o valor de uso, que é subjetivamente dado por cada consumidor.

Além dos fatores acima, o preço de uma obra de arte varia no tempo, valorizando-se ou desvalorizando-se, ainda de acordo com variáveis macroeconômicas óbvias como inflação, renda per capita ou diante de eventos que marcam a vida do artista – como, ironicamente, a sua própria morte.

Dica

A leitura do texto de Dominique Sagot-Duvauroux, *Art Prices*, no já recomendado livro organizado por Ruth Towse, *Handbook of cultural economics* (Edward Elgar Publishing ltd.: Cheltenham, UK, 2003. p. 57-63). O livro de Françoise Benhamou reutilizado aqui é o Economia da Cultura (Cotia: Ateliê Editorial, 2007)

Nísio Teixeira é jornalista e professor.
nisiotei@gmail.com



Luiz Morando no Parque Municipal de Belo Horizonte

Paraíso das Maravilhas desvenda rede social do Parque Municipal

Sebah Rinaldi

"Nenhum acontecimento conseguiu apaixonar tanto a opinião pública da capital como esse chamado Crime do Parque". Esse trecho foi publicado em 1948, no extinto jornal vespertino Diário da Tarde. A reportagem, como era comum em outros veículos da época, comentava sobre um crime ocorrido no Parque Municipal, na madrugada de 5 de dezembro de 1946, quando o paulista Luiz Gonçalves Delgado, funcionário de uma companhia eletroquímica de Belo Horizonte, foi encontrado morto com 28 facadas no corpo. Esse fato impulsionou o escritor Luiz Morando, de Belo Horizonte, a produzir seu primeiro livro, intitulado "Paraíso das Maravilhas – Uma história do Crime do Parque" (Editora Argvmentvm). Vários suspeitos foram levantados, mas quem aguçou as investigações foi o poeta Décio Escobar, tido por muitos como o verdadeiro assassino.

O ponto de partida para o trabalho é o Crime do Parque. No entanto, o foco da obra em si é mais amplo e tange questões relativas a comportamento, guetos e redes de sociabilidade. Após o ocorrido, Polícia e imprensa investigaram de perto a vida íntima da vítima e chegaram a detalhes nada convencionais sobre seus hábitos, de acordo com normas sociais da época. À noite, Luiz Delgado frequentava o Parque Municipal, point de encontro entre homossexuais de Belo Horizonte, obviamente, de caráter clandestino. "Paraíso das Maravilhas" parte do crime, mas vai além. Inclusive, o título escolhido era o apelido dado pelos habitués ao parque. "O Crime do Parque é um evento importante para observarmos a constituição de uma rede social de homossexuais masculinos em Belo Horizonte nas décadas de 1940, 1950 e 1960", revela o autor em entrevista ao Letras.

Crime do Parque a fundo

Para contextualizar, é preciso resgatar alguns fatos. Durante o período de 1946 e 1953, as investigações foram frustrantes. Nesse último ano, a jovem Yedda Escobar escandaliza a sociedade belo-horizontina ao denunciar seu marido, Décio Frota Escobar, poeta gaúcho e autor do livro "Rua Sul", como o assassino do paulista Luiz Delgado. De acordo com ela, seu esposo lhe confessou o crime quando ainda moravam na Bolívia. Além disso, ela alegou que o cônjuge era freqüentador no Paraíso das Maravilhas, onde encontrava e se relacionava com outros homossexuais.

Outros suspeitos foram levantados e as investigações ficaram andando em círculos durante muito tempo. Após especulações, Escobar foi tido como autor do assassinato. Porém, foi julgado em 1954 e considerado inocente pelo júri. O Crime do Parque não teve solução, para agonia de jornais e revistas, que faziam questão de noticiar seus mínimos detalhes. "As investigações policiais renderam bastante. O público belo-horizontino era sedento por novidades. A imprensa teve um papel crucial de não deixar apagar o fogo do Crime do Parque", expõe Luiz.

No dia 19 de abril de 1969, já residente no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, Escobar é encontrado morto em seu apartamento, vítima de garotos de programa. Esse ocorrido ficou conhecido como Crime do Dragão Vermelho.

Da apuração à finalização

"Paraíso das Maravilhas" demorou quatro anos para ser finalizado. Ao todo, o trabalho possui 330 páginas, distribuídas entre uma apresentação, assinada pelo professor Luiz Mott, oito capítulos, conclusão e anexos.

De acordo com Luiz Morando, a apuração se deu em algumas frentes de pesquisa: levantamento de jornais e revistas nacionais do período de 1946 a 1969, o que lhe exigia idas constantes à Hemeroteca do Arquivo Público Mineiro; leitura do processo judicial da infração; e entrevista com pessoas que viveram na época e, direta ou indiretamente, presenciaram de perto o desenrolar do caso.

Entre os veículos pesquisados, podem ser citados os jornais Estado de Minas, Diário da Tarde, Tribuna de Minas, Folha de Minas, Correio de Minas, Correio de Minas, Tribuna da Imprensa, O Globo, A Noite, Jornal do Brasil e as revistas O Cruzeiro, Manchete, Três Tempos, Pampulha e Alterosa.

Morando esteve bem próximo de algumas fontes, especialmente, jornalistas da época. "Um momento importante para mim foi o contato que tive com o jornalista José Maria Rabêlo. Em 1953, ele era repórter do Diário de Minas e localizou uma testemunha que poderia incriminar Décio Frota Escobar", observa.

O escritor também atua como professor de Literatura Brasileira no Centro Universitário de Belo Horizonte - Uni-BH. Uma das peculiaridades do livro foi o teor jornalístico, que norteou os oito capítulos. "Creio que esse tom cumpre bem o papel de resgatar essa parte da história de nossa cidade", finaliza.

sebastiaorinaldi@gmail.com

Descobrimento do Brasil, de Humberto Mauro

Diálogos em um abismo de 70 ou 500 anos

Gabriel Martins

O encontro

Às 9:30 da manhã em uma sala de aula de turmas "ensaladas" de 3º e 4º período do curso de Cinema e Vídeo do Centro Universitário UNA, Descobrimento do Brasil, de Humberto Mauro, está começando a ser exibido. A aula: História e Teoria do Cinema Brasileiro. Dez minutos passados do início da projeção, cerca de 1/3 dos alunos já foi embora e a grande maioria que se encontra em sala já está dormindo. Nada muito surpreendente aí. Por alguma razão assistir a este filme de Humberto Mauro aos 20 anos de idade, em 2008, é uma atividade difícil para a maior parte do grupo.

Em uma conclusão óbvia, culpo a negligência da maior parte da sociedade brasileira e seus jovens para certos segmentos artísticos. Mas algo mais me indaga neste processo curioso de voltar ao tempo, de ver um "filme antigo". Trata-se aqui de um grupo que nasce com a ascensão da MTV, da consolidação de imagens frenéticas do fim dos 80 e um estilo de vida do tudo ao extremo. O olho, portanto, vê primeiro o frenesi, começa do frenesi, para, daí, partir algum dia para uma linguagem mais pura e orgânica que puramente sensorial e ágil. Se há uma obra de Mauro que toca facilmente esta geração é, obviamente, A Velha a Fiar, que, de certa forma, é frenesi a seu tempo.

É esta mesma geração vídeo-clipe que mergulha fundo no experimentalismo sensorial, a geração que vai fundo em esportes radicais, que remete a ícones dos 70 e sente-se constantemente imersa em um estado de urgência com a vida e, consequentemente, com o cinema. Observe as obras preferenciais de cinéfilos desta geração e verá que têm muitos elementos de ritmo e montagem em comum. Vale lembrar, é esta a geração que "aprendeu" o cinema na sessão da tarde.

Uma obra de encenação como Descobrimento do Brasil parece simbolizar (para essa geração) um projeto educacional, como se buscasse apenas um didatismo de aparência pouco atraente. O Brasil desperta muito menos interesse nesta geração, que prefere buscar suas referências de fora. Neste conflito entre ser o norte-americano, aprender o inglês, mas ao sair na rua não encontrar o Homem-Aranha, sobra a apatia. Nega-se, portanto, o (re)conhecimento deste país-prisão. Se Humberto Mauro é a matriz da nossa identidade, um precursor já apontado por Alex Viany, Glauber e outros "cinemanovistas" (ou não) como o primeiro realizador do autêntico cinema nacional, negar seu projeto de descobrimento é um processo quase lógico, do ponto de vista desta geração. Mauro, nesta obra, ainda que bem claro como de praxe, parece representar para esse grupo uma espécie de "negação do palatável", tomando como base que, para este grupo, lidamos com uma diferente noção de palatável. Imersos em um tempo narrativo diferente, em um tempo de montagem diferente, em discussões e ansiedades diferentes, a estética e dialética de Humberto Mauro soam como um mero documento empoeirado. A obra, portanto, passa a ser assistida somente como um livro de história em movimento, sem uma abertura a uma acepção semiótica (ainda atual) da rica cinematografia do cineasta. Descobrimento do Brasil possibilita, sim, a quebra da quarta parede.

A professora pede, ao final da projeção, para os alunos analisarem a obra do ponto de vista metalinguístico. E aí como é que fica?

A câmera de Humberto Mauro em Descobrimento do Brasil

Retratar processos históricos de uma nação, principalmente tratando-se de fatores determinantes à sua própria constituição – ou constatação – como um local importante, de fato um país, é uma cruzada perante a construção de uma identidade desse próprio local. Refiro-me aqui diretamente ao processo de descobrimento de um país, no caso do objeto de análise em questão, o descobrimento do Brasil, retratado no filme homônimo de Humberto Mauro.

Em linhas básicas, digamos que se trata do momento de um país que já nasce do choque entre culturas. O português chega para descobrir Vera Cruz, e acaba vendo que a própria se encontra habitada. Um contato é necessário de maneira "conveniente" (meu espelho rouba sua alma), e assim iniciam-se conflitos que se tornariam vestígios de uma relação de superposição de culturas, de "vestidos contra nus", o primeiro choque etnocêntrico que todos já sabemos os resultados.

É nesse embate que nasce a câmera de Humberto Mauro para Descobrimento do Brasil. Como a primeira vez que aquele objeto estranho dos irmãos Segreto chegava ao país registrando a Baía de Guanabara, a câmera-tripulante da embarcação portuguesa é, sim, um corpo presente na narrativa do filme.

Vemos sua trajetória o tempo todo ao lado da civilização, do barco e das roupas, do lado que vem de fora para aqui desembarcar e desnudar o que já está nu. O indígena é filmado como objeto alheio à realidade previamente construída, quase como se partilhasse da estranheza dos alienígenas de Meliés em Viagem à Lua. Por que ele se encontra assim? Humberto Mauro busca mimetizar a descoberta do país através da transposição do olhar do estrangeiro para as lentes de uma câmera. Se há uma encenação claramente assumida em toda diegese, algo que parte obviamente da própria distância temporal da real descoberta (e o próprio caráter ficcional de relatos históricos acessíveis), muito se deve também ao comportamento teatral, falso, que se promove como uma acentuação da própria arte cinematográfica. Uma evidência de um registro, de uma tentativa de auto-reflexão (o cinema ali é também um tema fundamental).

Usando a estratégia da encenação como objeto de estudo, Humberto Mauro desconfia da própria noção de fato histórico, verdade e registro. Os portugueses passam por momentos de puro romantismo com a imagem do indígena, uma construção imagética embalada por uma bela música enquanto colocam os nativos para dormir em pleno conforto. Uma relação ambígua de admiração ali se evidencia: não se trata de uma questão estritamente histórica, mas da forma como essa história pode ser contada e seus resultados a partir daí. Se a história da humanidade só existe pela existência de linguagem simbólica (de Lascaux a IPhone), a depuração de dispositivos é também uma imersão antropológica.

A constante afirmação de um registro, desde os relatórios por escrito até os mapas mostrando em animação as trajetórias, vem o tempo todo enfatizar que ali se trata de um diário de bordo, uma câmera-diário que vai contar a sua verdade para o interpretante. É ali, sim, a sua verdade, pois Humberto Mauro deixa claro que está fazendo um filme. E assim como a câmera veio de fora, o descobrimento vem de fora, como se precisasse de um registro fixo – na História, a carta de Pero Vaz de Caminha, no filme, o próprio filme – para a comprovação da existência.

Ao final os navios voltam, deixando a cruz e a câmera que, agora, já não mais a bordo, observa a partida com o tripé em terra firme. Humberto Mauro nos deixa no Brasil, transfere a nós o olhar que também é dele, como se aí revelasse a sua verdadeira posição como o diretor que encenou um processo histórico. Observa-se, no último plano, portugueses ao pé da cruz com uma carga de não pertencimento visível. Aí, restou-nos a contemplação, a constatação, uma semente que, acima de tudo, é o próprio Brasil.

O desencontro

"É essa idéia ingênua de pureza que se projeta sobre o diretor mineiro, como o homem fiel a si mesmo, que não se destitui da sua raiz, que se torna exemplar para o cinema brasileiro, como se toda produção cultural não fosse constituída de diálogos, citações, interpretações, apropriações e recriações, mas ao contrário, brotasse apenas como intuição em estado puro. E como se pode observar em sua obra, essa aparente inocência de Mauro não é mais do que um enorme trajeto de depuração de objetos e temáticas, maneiras de filmar"
Sheila Schvarzman

Excetuando-se o fato de que houve um claro direcionamento de uma proposta acadêmi-

Retratar processos históricos de uma nação, principalmente tratando-se de fatores determinantes à sua própria constituição – ou constatação – como um local importante, de fato um país, é uma cruzada perante a construção de uma identidade desse próprio local.

ca para o olhar sobre o filme, é perceptível uma clara tendência analítica por um simples vício de olhar que é próprio meu, do meu tempo. Não há a busca aqui de uma auto-avaliação, mas de uma análise tosco-behaviorista ingênua extraída de uma indignação (esta sim, minha) frente à negligência cada vez mais grave presente na instituição em questão e no mundo.

"Como são admiráveis as pessoas que não conhecemos muito bem."

Millôr Fernandes

É quase um grito no vácuo esta tentativa de encontrar neste contexto um diálogo entre a pesquisa objetiva e a crítica subjetiva. Ainda que permita interseções, duela com uma estrutura mais complexa que é a construção do olhar através de gerações. É com o tempo que, para mim, o aforismo de Millôr faz cada vez mais sentido. Nele, o "as pessoas" também pode ser "os grupos", "os filmes", "os comportamentos". Aproximando-se ou, no meu caso, distanciando-me do meu grupo em questão, caio no imediatismo pessimista: é a sociedade, ou o que sobrou dela.

Como um estudante integrante dessa geração, não busco reconhecer (ou não quero) um caráter meramente didático sem perspectivas formalistas para Descobrimento do Brasil. É o diálogo entre a pesquisa objetiva e a crítica pessoal, como já citado. Em uma orientação subjetiva, a constatação de uma abordagem irônica de Mauro na aparente inocência da obra emerge após anos sendo educado para/por uma linguagem de signos latentes na imagem e narrativa – cria-se uma constante suspeita de tudo que se vê; o olho é maldoso e busca a ambigüidade. Portanto, torna-se difícil para alguém lendo e escrevendo sobre um filme de 37 tendo nascido em 87, limpar-se totalmente de encarar a linha de Mauro como mera representatividade (algo próximo da experiência com Nascimento de uma Nação). Há sempre a idéia da crítica fora do filme, fora do autor. Se Mauro parte de um processo intuitivo, daqui também vou eu, tapando os olhos sem reconhecer a obra como um produto educativo do governo Vargas. Por alguma razão prefiro olhar de imediato para a câmera, para a articulação técnica, para o sentido que nasce de tudo isso. Se Mauro é de fato inocente, não consigo ser. E aí voltamos ao início, à dificuldade de assistir este belo filme de Humberto Mauro aos 20 anos, tendo nos olhos fácil assimilação a torpedos de imagens, nascendo com uma TV já colorida e tentando entender, ou não, que diabos é essa coisa chamada cinema...

Filmes citados:

Descobrimento do Brasil (idem, 1937/ Humberto Mauro)
A Velha a Fiar (idem, 1964/ Humberto Mauro)
Viagem à Lua (La Voyage dans la lune, 1902/ George Meliés)
Nascimento de uma Nação (Birth of a Nation, 1915/ D. W. Griffith)

Guia de viagens para Marte

Paulo Waisberg

Um dos assuntos ou lugares mais visitados pela imaginação dos autores de ficção científica no último século é o nosso planeta vizinho, Marte. Na segunda metade do século XIX, o astrônomo italiano Schiaparelli, com os equipamentos rudimentares da época, pensou ter visto linhas retas, ou canais, na superfície do planeta, o que reforçou a crença de que existiriam rios, oceanos, florestas e uma outra civilização por lá. Desta crença equivocada, surgiram centenas de histórias fantásticas de povos pacíficos ou prestes a invadir nosso a terra, os alienígenas de coloração esverdeada e antenas com uma arma desintegradora na mão. Nas décadas de 60 e 70, as naves Mariners 4, 6 e 7 jogaram todas estas especulações por água abaixo, mostrando imagens de um planeta frio e morto e coberto de poeira de ferro, cenário um tanto familiar para quem já visitou as minerações nas redondezas de Belo Horizonte.

A humanidade teve que aguardar mais de duas décadas para que uma nova onda de entusiasmo decorrente das novas imagens que a sonda MGS (Mars Global Surveyor), que orbitou e fotografou Marte durante 5 anos, nos forneceu, mostrando uma paisagem muito mais complexa e variada. Mais recentemente, os carrinhos de controle remoto da Nasa possibilitaram um novo ponto de vista impressionante da paisagem marciana: as fotos coloridas de alta resolução das duas sondas Spirit e Oportunity, que fazem parecer que estamos lá, andando pelas dunas e formações de Marte.

Ao longo do século XX, e à medida que se sabia mais do planeta vermelho, alguns autores escreveram sobre as possibilidades de se visitar e, eventualmente habitar Marte. O primeiro livro considerando as implicações da colonização de Marte que eu li foi o Crônicas Marcianas do Ray Bradbury, que em minha opinião, ainda é um dos clássicos da ficção de todos os tempos. O livro é organizado como uma coletânea de contos, em ordem mais ou menos cronológica, e conta histórias sobre os primeiros passos, o amadurecimento de uma colônia, um eventual encontro com vida em Marte e as implicações de se colonizar um outro planeta. A colonização de Marte foi usada por Bradbury, como é típico em sua obra, como pretexto para uma análise dura da condição humana e uma crítica de nossa civilização.

Na década de noventa, alguns autores propuseram ficções baseadas num maior conhecimento do quarto planeta do nosso sistema solar e também em monografias prospectivas com o planejamento futuro realizado pelos cientistas da Nasa. Uma boa novela, de hard sci-fi (ficção científica mais tecnológica e baseada em dados científicos atuais) é Mars, do autor Bem Bova e sua seqüência Return to Mars.

Mas de todos os livros de ficção sobre o assunto, os mais interessantes e completos que conheço, são os da trilogia Red, Green e Blue Mars de Kim Stanley Robinson. A série descreve a colonização a partir de uma primeira nave com 60 tripulantes e conta em detalhes os recursos, equipamentos, dificuldades e o desenvolvimento social da colônia. Uma idéia interessante bem desenvolvida nessas novelas é a terraformização de Marte, ou a sua gradativa transformação para se tornar um lugar menos inóspito para a vida. Robinson utilizou de todo o conhecimento científico disponível e muita imaginação para criar uma narrativa bem convincente. A série ganhou os prêmios Hugo e Nebula, que são os mais importantes de ficção cientifica.

No campo da não-ficção, o livro The Case for Mars é um guia passo a passo do que deve ser feito durante a exploração de marte. Ele cobre todos os problemas e perigos relacionados à viagem espacial, os primeiros assentamentos, as técnicas para extrair recursos minerais e propõe soluções para eventuais dificuldades encontradas pelos colonos, com vários diagramas para a construção de domos e outras habitações, incluindo tabelas e gráficos.

O Traveler´s Guide to Mars – The Mysterious Landscapes of the Red Planet, que foi escrito por um especialista em geologia marciana, descreve em detalhes a nomenclatura, as paisagens e formações rochosas, contando um pouco sobre a evolução do planeta desde quando a água corria pela superfície até o período atual. O material visual veio principalmente da missão de 2001, Mars Global Survey.

Mas o livro mais bonito que eu tenho sobre marte é o Postcards from Mars, que é o relato fotográfico das sondas Spirity e Opportunity, que passaram mais de um ano andando pela superfície do planeta. O livro é cheio de fotos de página inteira, mostrando as rochas e dunas avermelhadas contra o céu laranja/branco.

O astrônomo William Hartmann escreveu que o século XXI será o século da exploração de Marte. Acho que se o mundo não se explodir em guerras ou pela destruição do equilíbrio natural, esta é uma bela possibilidade. Em minha opinião, a exploração de marte faz parte de um desenvolvimento natural da melhor faceta do espírito de exploração, engenhosidade e curiosidade humana e pode mudar nossa perspectiva sobre as diferenças que nos parecem tão inconciliáveis: lá de longe, o nosso planeta Terra parece um pontinho.

Para quem já quiser planejar a viagem:

http://marsrovers.nasa.gov/home/index.html (lindas fotos da Nasa dos Rovers em Marte)

Erico Verissimo: um "pintor" brasileiro de Israel

Luciara Lourdes de Assis

Em abril de 1966, Erico Verissimo viajou a Israel, acompanhado da esposa, Mafalda, a convite do Ministério de Negócios Estrangeiros daquele país. Exatamente três anos depois, o romancista gaúcho publicará Israel em abril, no qual faz o relato de sua viagem. Ao longo de suas quase trezentas páginas, a obra, no percurso feito pelo escritor pelas cidades, compõe um retrato de um Estado jovem, contando menos de vinte anos de sua fundação (1948), mas que trazia em seu bojo a história milenar do povo judeu através dos séculos. Embora tenha sido escrito apenas em 1969, o relato conserva o frescor e a novidade das impressões de Verissimo, como se ele as estivesse vivendo e registrando naquele momento.

A carta que Verissimo enviou ao seu editor juntamente com os originais de Israel em abril oferece alguns elementos a partir dos quais se pode elaborar uma reflexão sobre o olhar do escritor para Israel na época da visita e que está presente em toda a obra.

O primeiro desses elementos refere-se a um dado autobiográfico do autor, que se diz "um pintor frustrado, um enamorado das formas e das cores". Essa frustração de não ter se dedicado às artes plásticas não é uma informação nova transmitida ao editor, mas algo que era "repetidamente dito e escrito". Dessa forma, um livro de viagem ou de memórias como Israel em abril evidencia a vocação frustrada do autor, revelando quadros e paisagens compostos não com tinta sobre papel, mas com letras e palavras. A maneira como descreve os lugares e as pessoas em Israel ilustra o trabalho de pintor de Veríssimo. Ao percorrer a planície de Sharom, por exemplo, no segundo dia em terras israelenses, observa:

> *Olho para a direita e a paisagem muda de figura e cor: vejo suaves outeiros em tons de erva-mate, pomares com árvores floridas, hortas com festivos verdes e, mais longe – horizonte dum terra de siena rosado, com leves toques violáceos – as encostas dos montes da Samaria.*

É de se notar o detalhamento pictórico com que o escritor capta a paisagem, ressaltando-se sua preocupação em indicar os tons de cores exatos do local, o que pode ser percebido como próprio de alguém que sabe distinguir os diferentes matizes de uma mesma cor. Sua visão não é uniformizante e permite ao leitor construir uma imagem mais precisa daquele local.

As pessoas que o escritor encontra também merecem seu olhar atento e observador. Dr. Alexandre Dothan, que havia sido adido cultural na embaixada de Israel no Rio de Janeiro, é assim descrito:

> *É um homem de altura acima da mediana, corpulento sem ser gordo, a face larga e longa, a pele queimada quase a ponto de lhe dar a aparência de beduíno, num contraste com os olhos dum verde-cinza com pontos dourados.*

Entre parênteses, logo depois dessa descrição, Verissimo esclarece que "prestar atenção a pormenores fisionômicos" constitui um "vício de romancista". Além disso, aqui também transparece um cuidado com o tratamento das cores.

Outra questão apresentada na carta, e que se mostra significativa para a análise de Israel em abril, é o papel da memória na vida e no trabalho do escritor. Ao afirmar que simpatiza pela causa dos judeus e do Estado de Israel, salienta que, com isso, não quer dizer que tenha "má vontade" com os países árabes, pois se sente atraído pela cultura islâmica por ter, como afirma, se alimentado das histórias de As mil e uma noites na infância e na adolescência. Assim como as memórias infantis e juvenis o levam a conceber o povo árabe de uma determinada forma, as reminiscências do menino Verissimo afloram enquanto passeia por Israel. Durante o Seder – estavam no período da páscoa –, ao final, quando se recitava o jogo verbal próprio daquela festa que tanto agrada às crianças, lembra-se de uma brincadeira de sua infância: "Cadê o toucinho que estava aqui?". A recordação leva o escritor a estabelecer o vínculo entre o jogo do Seder e a brincadeira infantil:

> *Não terá essa pequena estória vindo de Portugal para o Brasil, reminiscência dos Seders dos sefarditas? E não terão os marranos incluído no brinquedo a parte do padre e da missa para tirar-lhe os sabor judaico?*

Mais adiante, em Nazaré, uma cena da infância do escritor, ocorrida em uma manhã de 1913, "na cidade não bíblica de Cruz Alta, Rio Grande do Sul", é evoca. Um menino de oitos anos se levantou de seu banco, seguindo a ordem da professora, e começou a cantar um hino que falava do Menino Jesus caminhando por Nazaré ao lado de São José.

Também as memórias de outras viagens ocorrem ao escritor, mostrando-lhe as semelhanças entre Israel e outros lugares que conhece:

> *Aquele trecho de quarteirão com cafés que têm mesas e cadeiras na calçada, poderia estar em Paris. E porque esta avenida não se enquadraria à maravilha no Rio de Janeiro? Ou em Belo Horizonte, com este seu ar de "coisa nova"? Ou mesmo em Lima, Peru? Há um momento em que o cheiro de "noite no deserto" combinado com luz fluorescente, me evoca uma das mais limpas cidades dos Estados Unidos: Phoenix, Arizona. Ao passarmos por uma pracinha, Porto Alegre me acena.*

Essas "pinturas verbais" e as que estão presentes em todo o livro, de acordo com Verissimo, deveriam traduzir fielmente aos leitores as impressões que teve de Israel e dos israelenses. A confissão de Veríssimo, de ser um pintor frustrado expressa na carta, pode ser entrevista quando o escritor explica, que, começou a elaborar Israel em abril, com a intenção de " 'pintar' Israel com a despreocupada alegria lúdica dum artista em férias". Porém, a certa altura do trabalho, percebeu que se viu envolvido por essa "emaranhada e misteriosa selva que é a história dos judeus e do judaísmo", fazendo-se "perguntas perigosas como – 'Que são os judeus? Uma raça? Um povo? Um conjunto de tribos unidas por uma religião comum?'"

Todas essas perguntas em que o escritor se debate podem ser visualizadas no capítu-

lo 6, intitulado "Os judeus e o judaísmo". Depois de visitar Haifa, de volta a Tel Aviv, no quarto de hotel, Verissimo se encontrava às voltas com uma tosse e um tema, sendo que ambos não o deixavam dormir. O tema que tanto o perturbava era a questão sobre o que é o judeu. A essa pergunta fundamental somavam-se outros questionamentos aos quais o insone escritor tentava responder: "Que terão os judeus em comum?" "Porque vivem nesse esplêndido isolamento?" "Que características serão mais encontradiças no homem de origem hebraica?"

A partir de então, Verissimo começa a refletir sobre o assunto, trazendo à cena pensadores e intelectuais que poderiam ajudá-lo a solucionar suas dúvidas. De Erich Kahler, lembra um artigo que apresenta a idéia de que "os judeus são 'uma tribo transnacional', nascida duma religião, que constitui o seu cerne primordial". Esse caráter transnacional, segundo Kahler, estaria ligado a certa universalidade do povo judeu, o que, no entanto, é rebatido por Verissimo, que afirma que tal tese não tem base científica.

O escritor passa, então, a examinar estereótipos anti-semitas atribuídos aos judeus, que têm origem tanto no cristianismo quanto em contextos não-religiosos. Apresenta, assim, em linhas gerais, um ensaio do crítico literário Alfred Kazin, para quem os judeus seriam o povo mais verbal da História. O povo da Torá e do Talmude, que têm na Bíblia a sua "pátria verbal", e que, além disso, teria, de acordo com o brasileiro, "a paixão da discussão, da polêmica".

A cabala é outro tema na discussão de Verissimo consigo mesmo. De acordo com o escritor, Max I. Dimont defende a idéia de que, na Idade Média, o fato de alguns letrados de Israel se dedicarem à cabala representou um "perigoso desvio" que durou séculos. Martin Buber também aparece nessa reflexão a partir da concepção de que "a fé religiosa [é] como um diálogo entre o homem e Deus". Israel seria, pois, um exemplo, no plano coletivo e nacional, dessa "relação dialogal".

Depois disso, Veríssimo conclui que "os judeus nunca desesperaram de seu futuro e isso os ajudou a sobreviver como povo (ou tribo ou raça) e como religião". Verissimo esperava dormir, mas não conseguiu. Então, começou a pensar em uma situação imaginária, cômica, em que vários judeus e não-judeus famosos se encontraram em uma praça em dia de feira. Aparecem Karl Marx e os irmãos Marx, Albert Einstein, Davi Ben-Gurion (o primeiro-ministro na época da viagem de Verissimo), Sigmund Freud, Marc Chagall, Golda Meir, Franz Kafka, Martim Buber, Arnold Tonybee, Alfred Deyfrus, Oswald Splenger e Henry Ford. O narrador estabelece, com algumas dessas personagens, acalorada conversa, e, com outras, um rápido contato, uma troca de olhares ou um breve comentário.

Tonybee, "que não morre de amores pelos judeus", critica-os por se considerarem o "povo escolhido"; Spengler, intelectual alemão, quando questionado sobre o que é o povo judeu, responde com um simples "Ach!" Freud expõe um raciocínio que leva a crer que o ódio dos cristãos ao judaísmo seja, no fundo, um ódio ao próprio cristianismo. Aparecem novamente as figuras de Tonybee e de Max I. Dimont, esta a última voz que se ouve na praça. Verissimo encerra o debate, concluindo, a partir das idéias desses vários personagens, que, se o judaísmo deixasse de constituir uma cultura para se tornar uma civilização com a criação do Estado de Israel, estaria se encaminhando para uma decadência, o que levaria ao fim da cultura judaica. Porém, sua hipótese final é de que:

> *tenho a impressão de que a Diáspora continuará de qualquer modo e, apesar de todas as tentativas dos assimilacionistas, o judaísmo será preservado como religião, como etnia e mesmo como mitologia, graças, entre outras coisas ao sentimento anti-semita, manifesto ou latente dos cristãos.*

Assim, o escritor considera que a preservação do povo judeu reside em sua capacidade de resistência à assimilação e às forças que lhes são contrárias, principalmente as anti-semitas:

> *Se o bom-senso não me houvesse agarrado a mão, talvez eu tivesse produzido um calhamaço de mil páginas, sem ter sequer "começado" a extricar o mistério e a complexidade dos hebreus – a minoria mais verbal, polêmica, brilhante e ruidosa da espécie humana.*

Dessa forma, o que poderia ter se tornado uma obra extensa sobre o povo judeu, sem, no entanto, alcançar o judaísmo em sua complexidade e multiplicidade, resumiu-se a um capítulo de menos de vinte páginas. Ao deixar de lado, portanto, a polêmica, Verissimo volta a pintar as paisagens de Israel. As cores do presente são combinadas com as do passado, quando, visitando os locais bíblicos, acrescenta os dados históricos pertinentes, compondo, desse modo, quadros vibrantes.

Ao contrário do que afirma repetidas vezes, Veríssimo não se apresenta em Israel em abril, como um pintor frustrado. Ao utilizar como instrumentos de trabalho não tintas e pincéis, mas a palavra, o escritor compõe "aspectos humanos, geográficos e históricos de Israel e da velha Palestina, alguns apenas esboçados em preto branco, outros – a maioria – na forma de sumárias aquarelas".

Quarenta anos depois, em 2007, um grupo de escritores brasileiros viajou a Israel a convite da Confederação Israelita do Brasil (Conib) e da Embaixada do Brasil em Israel. Entre os convidados, estava Luis Fernando Verissimo, filho de Erico. Na ocasião, Luis Fernando recebeu uma homenagem do Governo de Israel por seu pai pela contribuição que deu ao país através da obra Israel em abril, que representou expressivo incentivo ao turismo.

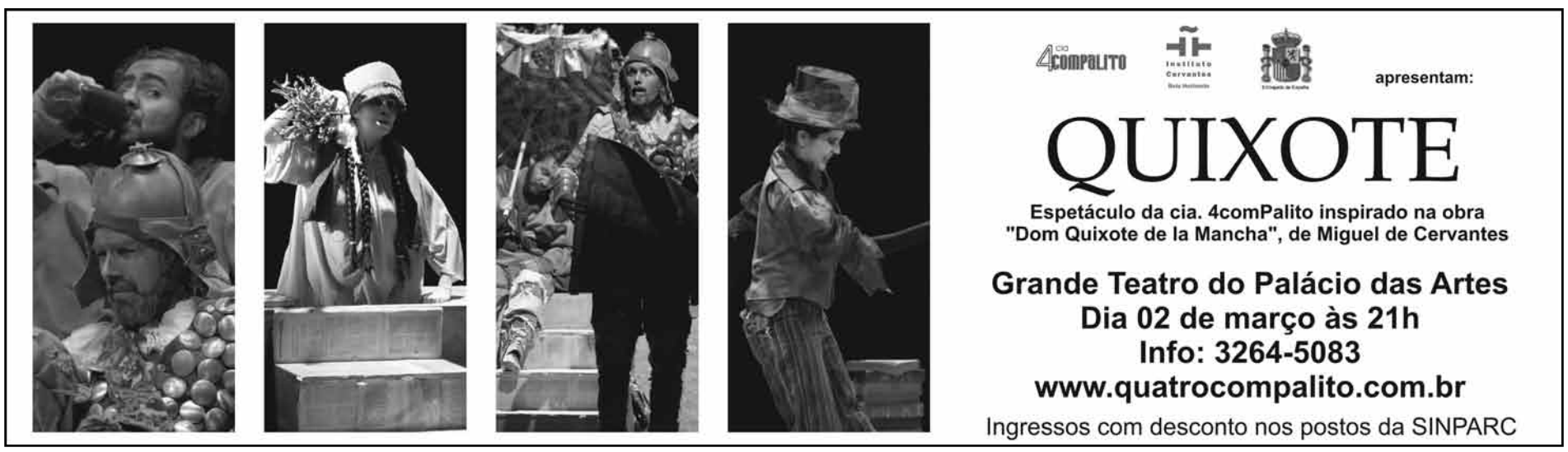
> *Se meu pai voltasse aqui hoje, talvez comentasse o triste fato de 40 anos depois da sua visita, o direito de Israel existir ainda esteja em questão, e os obstáculos continuem os mesmos. E tenho certeza que, sendo um humanista e um pacifista acima de tudo, ele veria como obrigação moral da comunidade humana, contribuir para a sobrevivência, a prosperidade e a paz de todos nesta região, judeus e palestinos. Mais uma vez, obrigado. E termino com o que é também a última palavra do livro Israel em Abril – SHALOM.*

A declaração de Veríssimo filho durante a homenagem revela, de forma intensa, o interesse do pai pelo destino de Israel e aponta para a responsabilidade da humanidade para com os povos que nele habitam, sejam judeus ou palestinos. O desejo de paz reverbera, atual, da obra do pai ao discurso do filho.

Referências:

VERISSIMO, Erico. Israel em abril. Porto Alegre: Globo, 1970.
VERISSIMO, Luis Fernando. In: Boletim de notícias da Confederação israelita do Brasil. n. 29. 06 mar. 2007.

Luciara Lourdes de Assis é Mestranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários/UFMG e pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.



Algo sobre o fanzine e as mídias digitais

Alemar Rena

Hoje, com as novas configurações de tecnologia para produção de material midiático, há um aumento considerável de fanzines, revista, livros, filmes, clipes, CDs, etc. editados. Ou seja, cada vez mais pessoas em geral - não só profissionais das mídias com formação acadêmica - produzem informação e conteúdo.

O pensador francês Michel De Certeau notou bem o crescimento, com o incremento do acesso à escrita pela a sociedade em geral, dessas vozes menores e mais anônimas: elas são "um murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas." Também Walter Benjamin percebeu bem este fenômeno (já na primeira metade do séc. XX!): "a diferença essencial entre autor e público está a ponto de desaparecer. (...) A cada instante, o leitor está pronto a converter-se em escritor".

Embora nos trechos acima De Certeau e Benjamin falem apenas das representações escritas, o computador pessoal tornou todas as outras linguagens representacionais e comunicacionais (vídeo, fotografia, música, etc.) igualmente bem mais acessíveis. Tem-se máquinas fotográficas, filmadoras e até guitarras, todos resultantes de avanços nas tecnologias digitais.

Os arquivos digitais criaram um universo inteiramente novo de possibilidades de se relacionar com conteúdos, pois anularam por completo a relação materialidade-informação. Se um dia, com o advento da imprensa, a informação era palpável, encontrava-se no pergaminho (e posteriormente no papel) e se um dia, com o advento da fotografia e do cinema, a informação encontrava-se no filme, e se ainda a informação sonora passou a se gravada em vinil, hoje ela é gravada digitalmente nos discos rígidos. Neste último método não há uma relação direta, análoga entre um material qualquer e a informação capturada. Na fotografia, a luz refletida pelos objetos deixa dados no filme; no caso da música, as ondas sonoras deixavam marcas no vinil; mas no caso da informação digital, há uma conversão da luz e som em linguagem numérica que é gravada no disco rígido e é transcodificada em luz pela tela do computador. A informação contida no computador é, uma vez que em linguagem numérica, completamente editável e manipulável, tanto para a cópia e distribuição como para a edição ou o apagamento.

Em um segundo momento desse processo de mudanças acentuadas nos processos produtivos, veio a web, que, aproveitando a flexibilidade na manipulação dos dados digitais, fez com que não só a ferramenta, mas também o meio se tornasse extremamente disponível para a publicação.

Mas o que aconteceu com os fanzines, que há alguns anos preenchiam sozinhos o espaço que hoje a Web (com seus blogs, fotologs, podcasts e sites em geral) ajuda a preencher? Se um dia eles foram uma ferramenta da contra-cultura, hoje eles se aproximam muito, do ponto de vista qualitativo e da facilidade de acesso ao público, das produções mais tradicionais e institucionalizadas, sem que percam o caráter de produtos independentes a disseminar discursos alternativos à grande mídia. Assim, muitas vezes temos acesso a um material impresso, feito por um grupo pequeno de pessoas, que se propõe como uma voz de resistência aos discursos da mídia de massa, com padrão de qualidade tão bom que fica difícil distinguir, se não pela natureza do discurso, esse material independente em relação ao mercado de um produto de uma grande empresa da infotelecomunicação.

(Uma informação à parte: logo após a popularização da Internet, na década de 90, um dos grandes desafios que se pôs aos editores de sites era o conteúdo, justamente porque um desequilíbrio havia sido produzido: o meio para se publicar estava muito acessível - afinal, espaço virtual na rede para publicar algo sempre esteve disponível - mas pessoas para pensar, ter idéias, selecionar e informar sempre foi e sempre será mais escasso e caro.)

Aquele fanzine que conhecemos nas décadas de 70 e 80, com impressão xerox bem tosca, com acabamento de baixa qualidade, dá lugar a um material ainda alternativo e independente (no nível do conteúdo), mas mais sofisticado (no nível da forma). Há, porém, no nível do conteúdo, uma mudança significativa na década de 90 quanto à abordagem que esses discursos oferecem, pois os discursos contemporâneos se apresentam cada vez menos engajados e politizados. Assim, os fanzines que vemos hoje em dia se voltam muito para as artes, a cultura e as mídias.

Parte das colocações acima integra, portanto, uma revolução que marcou o desenvolvimento da mídia no final do séc. passado e que deve muito ao desenvolvimento da tecnologia digital e do computador pessoal, que simplificam sobremaneira os processos de produção (captação, edição e publicação) de conteúdos que podem ser distribuídos pela Web, gravados em CD ou impressos numa gráfica rápida ou em uma impressora a jato de tinta. Muito mais "vozes" menores falam com consistência e autoridade cada vez mais próximas das grandes empresas da indústria cultural. A questão que fica neste processo é como o jornalismo formal contemporâneo e outras áreas consagradas da produção e distribuição dos saberes e conteúdos vão lidar com essa realidade, mas isso é assunto para outro momento.

Texto originalmente publicado no Jornal Oficina, do curso de Comunicação Social do Unileste-MG (Coronel Fabriciano).

Alemar Rena é mestre em Teoria da Literatura pela UFMG, músico e professor do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix e do curso de pós-graduação Processos Criativos em Palavra e Imagem, da PUC-MG.
E-mail: alemarrena@gmail.com

Aquele fanzine que conhecemos nas décadas de 70 e 80, com impressão xerox bem tosca, com acabamento de baixa qualidade, dá lugar a um material ainda alternativo e independente (no nível do conteúdo), mas mais sofisticado (no nível da forma).

DIEGO PISANTE

Luna Lunera fala mais de nós do que daqueles dois

Sebah Rinaldi

"Altos e altivos". Assim são definidos os personagens Raul e Saul, que protagonizam o conto "Aqueles Dois", do saudoso escritor Caio Fernando Abreu. E são os dois que estão à frente do espetáculo homônimo, montado pela Cia. Luna Lunera, de Belo Horizonte. A peça, que se encontra em cartaz no Galpão Cine Horto, é um trabalho sutil e delicado sobre as relações de afeto entre pessoas, independente de gênero ou orientação sexual, e também sobre a solidão do homem contemporâneo. Com merecido reconhecimento, o trabalho foi indicado ao Prêmio Shell de Teatro 2009, cujo resultado sai em março.

Os personagens são interpretados por um time de quatro atores - Cláudio Dias, Marcelo Souza e Silva, Odilon Esteves e Rômulo Braga -, que também respondem pela direção do espetáculo, acompanhados pelo diretor Zé Walter Albinati. Assim como no conto do escritor gaúcho, falecido em 1996, vítima da Aids, a obra é de uma beleza única e narra o envolvimento afetivo entre Raul e Saul, que se conhecem durante o expediente de uma repartição pública, retratada como "deserto de almas". A princípio, o que seria apenas uma relação diplomática e corriqueira culmina em um laço forte de cumplicidade e afeto.

A despeito da especulação, não fica claro que o relacionamento de ambos ultrapassou o âmbito da amizade. De acordo com um dos diretores, Zé Walter Albinati, a graça mora justamente nessa incógnita. "Eu me reservo o direito de pensar que ora eles tiveram um affair, ora não. Gosto da hipótese de que Raul e Saul possam ter sido felizes para sempre. O Caio dá margem para isso", afirma.

Já o ator Odilon Esteves possui opinião unilateral. "Acho que eles são amigos. Isso não quer dizer que não possam sentir desejo. Não me preocupo com o que houve após o término da peça e, sim, com o que nós contamos em cena", acredita. Também atribuído da direção, ele pôde ser visto recentemente em duas obras da TV brasileira – a minissérie "Queridos Amigos", transmitida pela Globo, quando interpretou a travesti Cíntia, e o especial "Grande Sertão: Veredas", da Record, no qual viveu o personagem Riobaldo – e no longa-metragem "Batismo de Sangue", de Helvécio Ratton.

A montagem da peça data de 2007 quando a companhia de teatro Luna Lunera deu início a um massivo trabalho de improvisos e experimentações. A partir daí, eles chegaram ao texto de Caio Fernando Abreu, querido pelo quinteto. "Costumo dizer que foi o conto que nos escolheu", brinca Albinati.

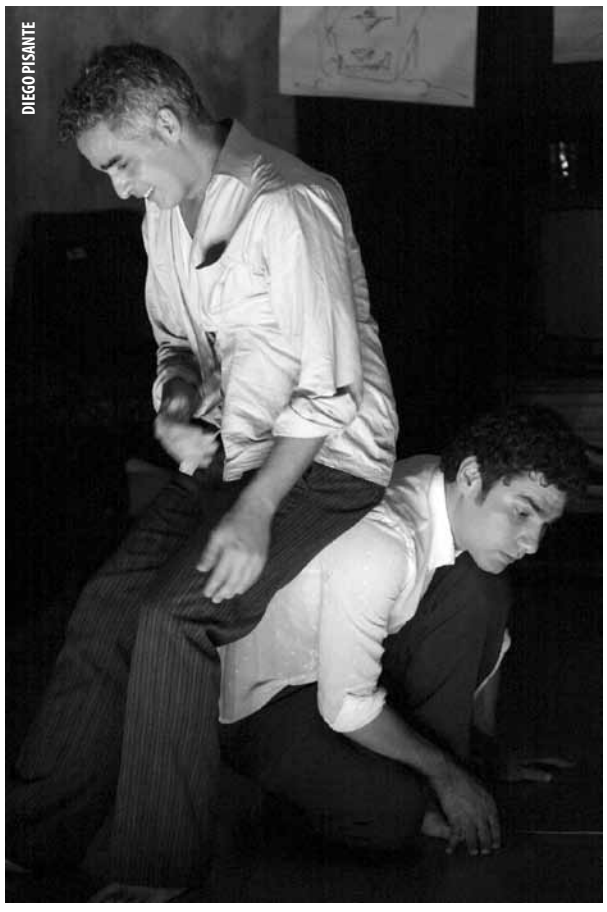
Depois de experimentar o público mineiro, a trupe levou a obra para outros terrenos, como Curitiba, Ipatinga, São José do Rio Preto, Salvador, Recife e São Paulo, onde ficou em cartaz por quase dois meses. "Temos sido recebidos por um público bem variado, de todos os tipos e faixas etárias. Isso prova que o tema possui universalidade", comenta Odilon Esteves.

Da mesma forma que se propõe no conto e em um filme nacional homônimo dos anos 80, "Aqueles Dois" fica aberto à leitura do espectador, que enxerga ou não um romance gay entre os personagens Raul e Saul. "O mais legal do teatro e da literatura é o fato de um espectador perceber certos elementos que os outros não percebem. Na verdade, o leitor acaba falando mais de si próprio do que da peça. Isso é bem interessante", crê Odilon.

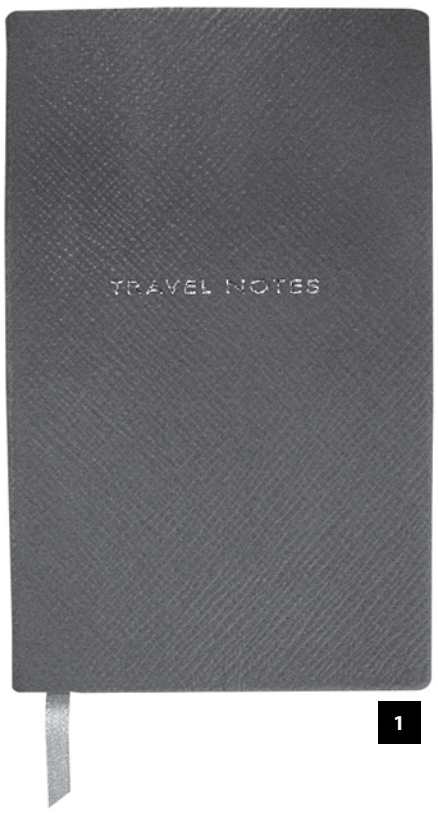
"Aqueles Dois" se encontra em cartaz no Galpão Cine Horto (Rua Pitangui, 3613, Horto), de 05/02 a 01/03. De quinta a sábado, às 21h; aos domingos, às 20h. Mais informações pela página www.cialunalunera.blogspot.com ou pelo telefone (31) 3481-5580 ou 3444-7983.

A Cia. Luna Lunera existe desde 2001, após a conclusão do curso de teatro do CEFAR Palácio das Artes. As primeiras montagens da trupe foram "Fuleirices em Fuleiró" e "Perdoa-me por me traíres". O time de atores e diretores também dá aulas de teatro e promove oficinas. Patrocinada pela Usiminas, a equipe acaba de ser incluída na Enciclopédia Itaú Cultural de Teatro por meio de um verbete sobre os trabalhos que vem desenvolvendo.

sebastiaorinaldi@gmail.com


DIEGO PISANTE

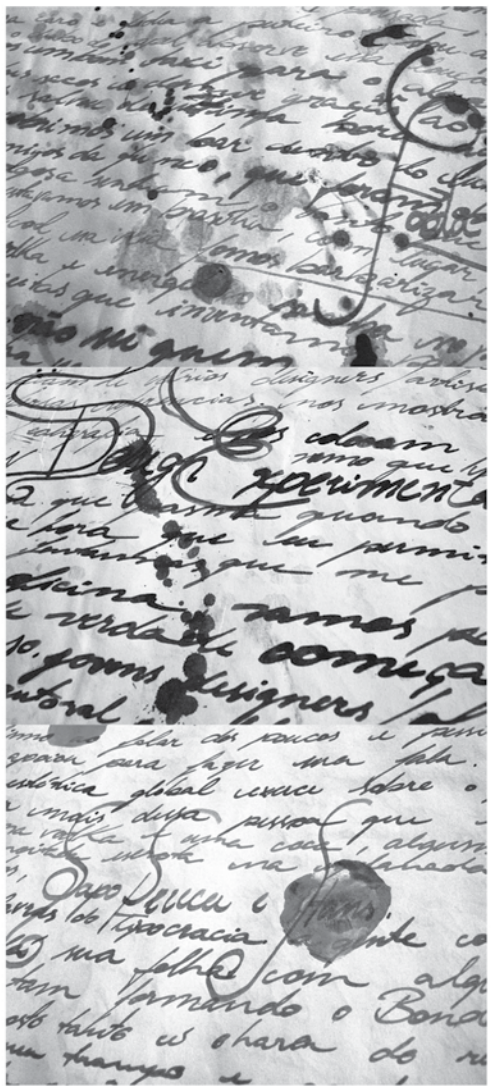
"Cruzavam-se, silenciosos mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho"
Caio Fernando Abreu

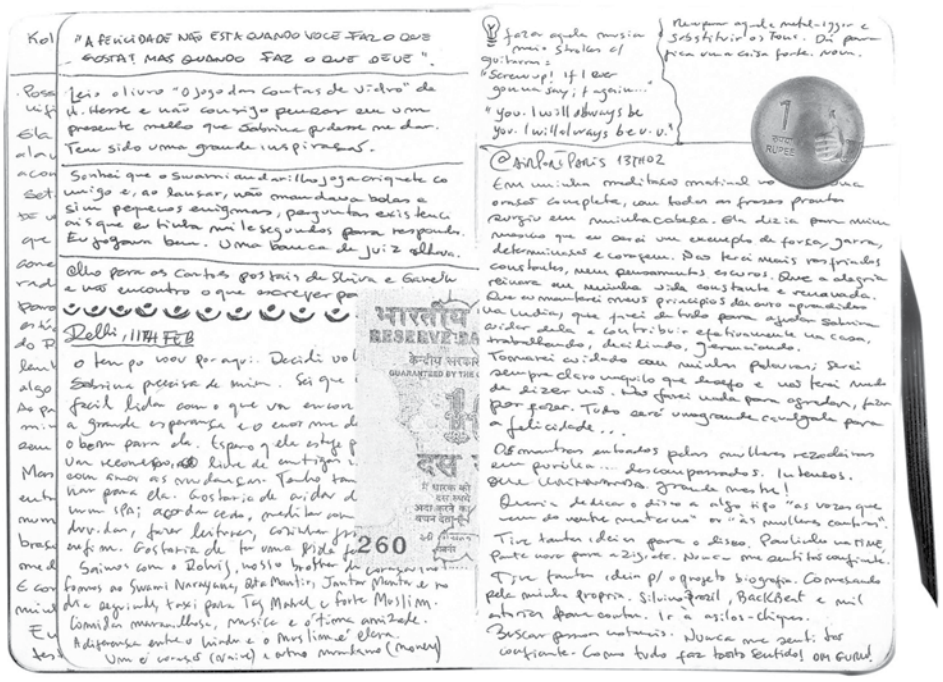

TRAVEL NOTES

1

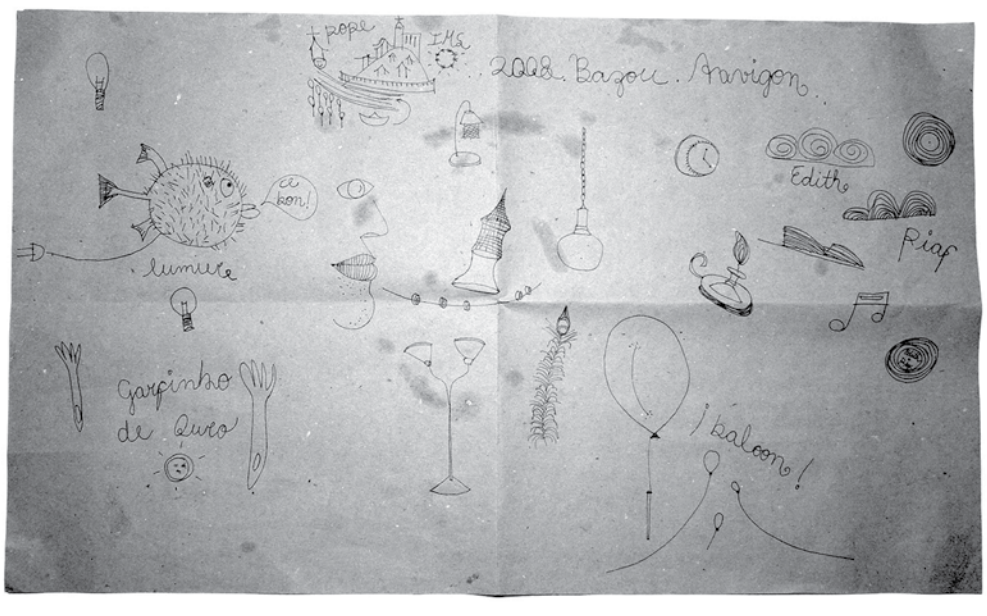
2

3




"A FELICIDADE NÃO ESTÁ QUANDO VOCÊ FAZ O QUE GOSTA! MAS QUANDO FAZ O QUE DEVE".
Leio o livro "O jogo das contas de vidro" de H. Hesse e não consigo pensar em um presente melhor que Sabrina pudesse me dar. Tem sido uma grande inspiração.
Sonhei que o Swami andava brilhantemente com o amigo e, ao lançar, não mandava bolas a sim pequenos enigmas, perguntas existenciais que eu tinha mil segundos para responder. Eu jogava bem. Uma banca de juiz alva.
Olho para as contas gostosas de Shiva e Ganesh e não encontro o que escrever para
Delhi, 11TH FEB
o tempo voou por aqui. Decidi voltar
Sabrina precisa de mim. Sei que
fácil lidar com o que vou encontrar
a grande esperança e o amor me
o bem para ela. Espero ela esteja
Um recomeço, lidar de antigos
com amor as mudanças. Tenho tan
nar para ela. Gostaria de avisar
um SPA; acordar cedo, meditar com
ler, fazer leituras, cozinhar
enfim. Gostaria de ter uma casa
Saímos com o Rohit, nosso brother
fomos ao Swami Narayana, Ashram
dia seguinte, taxi para Taj Mahal e Forte Moslim.
Comida maravilhosa, música e ótima amizade.
A diferença entre o hindu e o muslim é clara.
Um é vegetariano (vaine) e outro mandano (money)
260
fazer aquela música
guitarra:
"Screw up! If I ever
go on my way, I again..."
"you. I will always be
you. I will always be u.v.u."
Reunir aquela metal-iggie e substituir os tons. Dá para fazer uma caixa forte. nova.
@AirPorts Paris 13TH02
Em minha meditação matinal
onas completa, com todas as frases
surgiu em minha cabeça. Ela dizia
mesmo que eu sou um exemplo de força, garra,
determinação e coragem. Não terei mais
constantes, nem pensamentos escuros. Que a alegria
reinará em minha vida constante e renovada.
Que eu mantenha meus princípios
Minha Índia, que fiz de tudo para ajudar Sabrina
ajudar ela e contribuir efetivamente na casa,
trabalhando, decidindo, formulando.
Tornarei cuidado com minhas palavras; sei
sempre claro empilho que desejo e não terei nada
de dizer não. Não farei nada para agradar, fazer
por gozar. Tudo será uma grande conquista para
a felicidade...
Os mantras embalados pelos sinos
em guirlha... descompassados. Intensos.
Que maravilhosa grande mestre!
Queria dedicar o disco a algo tipo "as vozes que
vem do ventre materno" ou "às minhas contas".
Tive tantas ideias para o disco. Parecido com TIME
Parte nova para a Zigote. Nunca me sentiu confiante.
Tive tantas ideias p/ o projeto biografia. Começando
pela minha própria. Silvio Brazil, BackBeat e mil
outras fazem contar. Ir a asilos-chipas.
Buscar pessoas maternas. Nunca me senti tão
confiante. Como tudo faz tanto sentido! OM GURU.

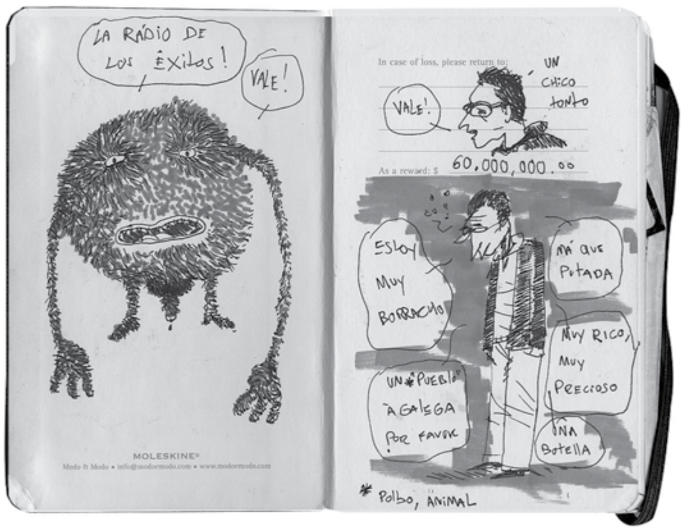
5


pope
IMS
2008. Bazou. Avrigon.
a son!
lumière
Edith
Piaf
garçinho de ouro
Balloon!

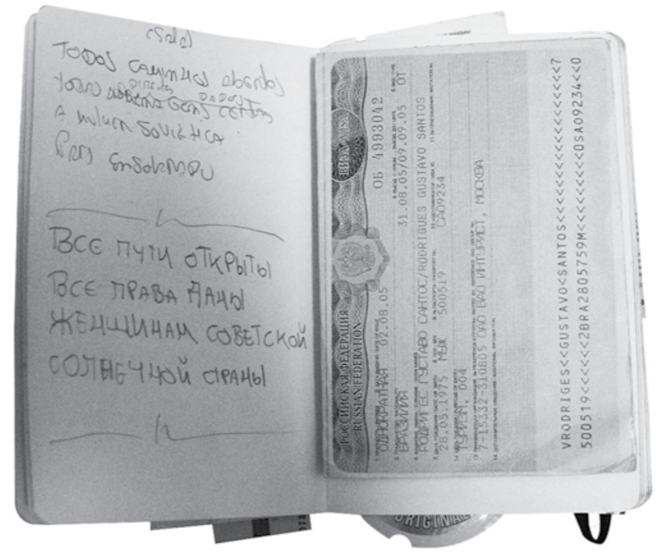
6

SWIMING POOL
GUINNES
DRAUGHT
1759
SMOKE
Big Ben
UNION SQ.
EXPRESS
WALK HOME
"ACHE"

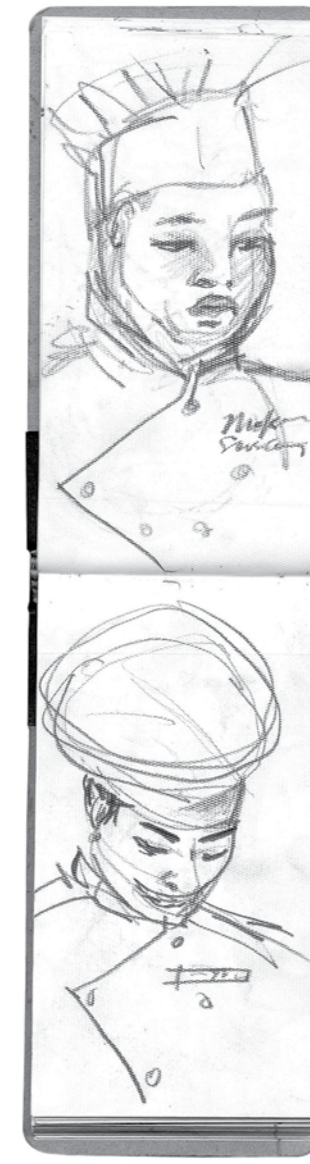
7



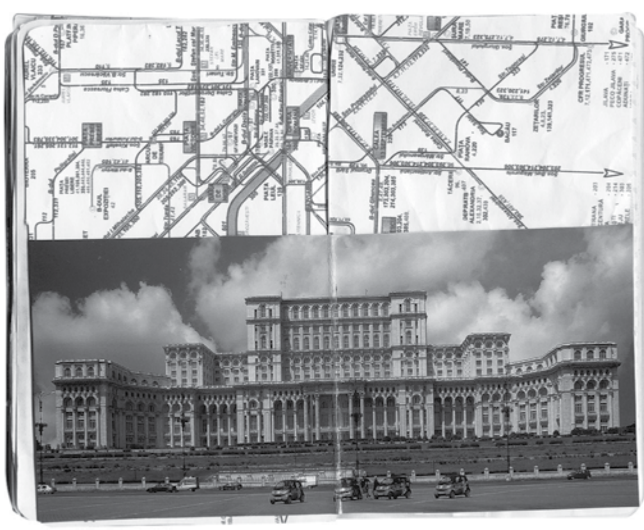
8



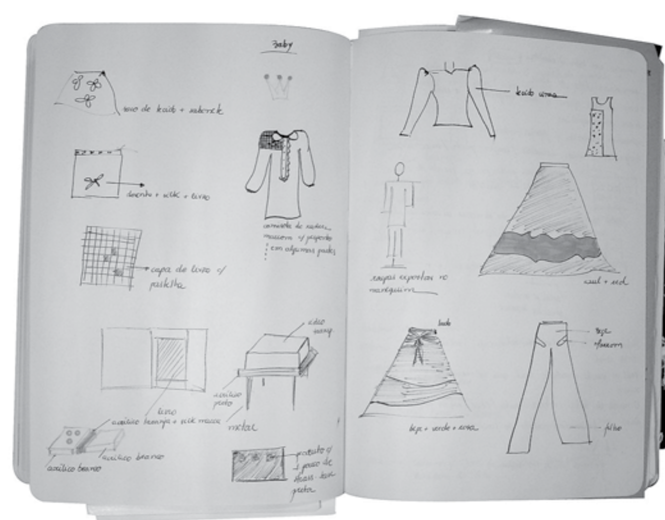
9



12



10

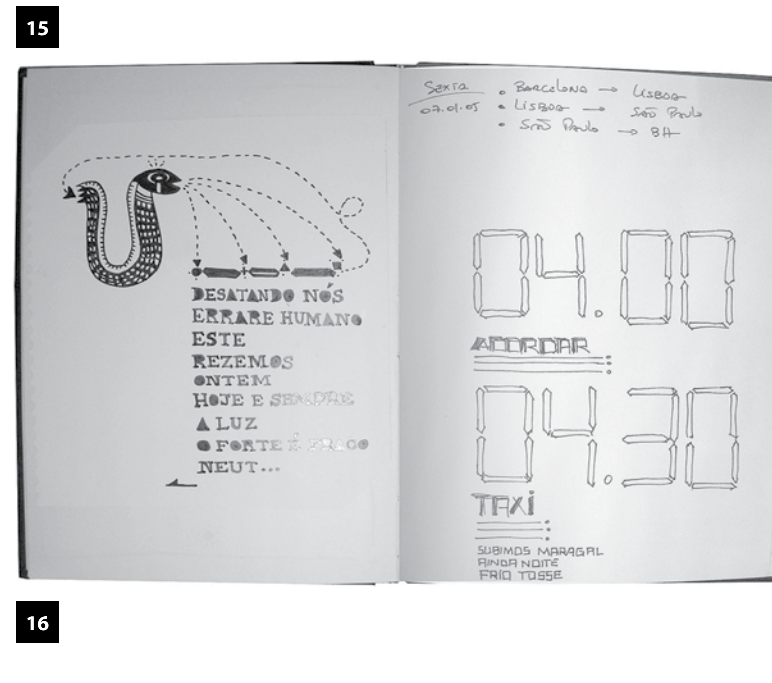


11

13

14

15



16

1. Cynthia Massote
2. Andrea Costa Gomes
3. Fernando Maculan
4. Fabiano Fonseca
5. Juliano Augusto
6. Joana Hardy
7. Pedro Meyer
8. Roberto Bellini
9. Gustavo Santos
10. Ricardo Portilho
11. Alessandra Maria
12. Andrea Costa Gomes
13. Fernando Maculan
14. Anna Cunha
15. Laura Barbi
16. Cláudio Santos

Macacos, não me mordam

João Veloso Jr.

O calor beira os 45 graus. A umidade faz com que a sensação térmica piore um pouco as coisas. O suficiente para sufocar e para que tudo fique molhado sem o menor esforço. As folhas das altas árvores impedem a entrada direta da luz do sol. Proporcionam uma sobra que possibilita estar vivo naquela hora, naquele lugar.

Os animais se assustam com o menor movimento. A aproximação fica mais complicada por conta das folhas que cobrem todo o chão, tornando impossível caminhar sem fazer barulho. Não há um lugar na trilha em que elas não estejam a amortecer as pegadas fazendo um ruído baixo, contínuo, daqueles que se sustentam em uma caminhada. O suficiente para que nenhum bicho se permitisse ser observado.

A noite é bela. O silêncio reina. As estrelas que faltam em acomodação ou conforto sobram quando se olha para o céu. Brilham aos milhões iluminando todo o ambiente. São tantas e tão iluminadas que quase ofuscam a lua. Sem poluição no ar e nem mesmo barulho, a natureza se torna plena e deixa a imaginação correr longe. Qualquer barulho faz a cabeça trabalhar e imaginar o que poderia ser. São tantas as possibilidades que o sono toma de assalto alguns últimos momentos racionais.

O amanhecer traz surpresas. A imagem de um babuíno com a bunda colorida se masturbando provoca risos gerais. Sem parar, o símio parece gostar da platéia. Esta, com gargalhadas e gritos, incentiva e parece se divertir. Numa cena, digamos diferente, falta apenas o animal levantar e pedir que o aplaudam pelo show. Quase isso. Apos atingir seu objetivo inicial de êxtase, o primata bate com as duas mãos no peito. Urros de orgulhos antecedem aplausos calorosos. Testosterona primitiva no melhor estilo.

Outros macacos se divertem procurando piolhos. Parecem uma família com dois adultos e filhotes. A presença de humanos os assusta. Esbugalham os olhos e saem em disparada rumo às costas dos mais velhos. Estes, mais calmos, continuam a busca matinal por piolhos. O verdadeiro "Breakfast of the Champions". Todos os nutrientes necessários para uma dieta equilibrada, nutritiva e rica em proteínas num único e nutritivo pedaço do verdadeiro fast food.

A natureza é linda, mas cansa. Depois de algum tempo convivendo no meio do verde, o sonho da privada própria vira essencial na vida de um ser humano. Me desculpem os que gostam de dormir ao relento, mas tudo na vida tem limites. E são eles que nos constroem como sociedade.

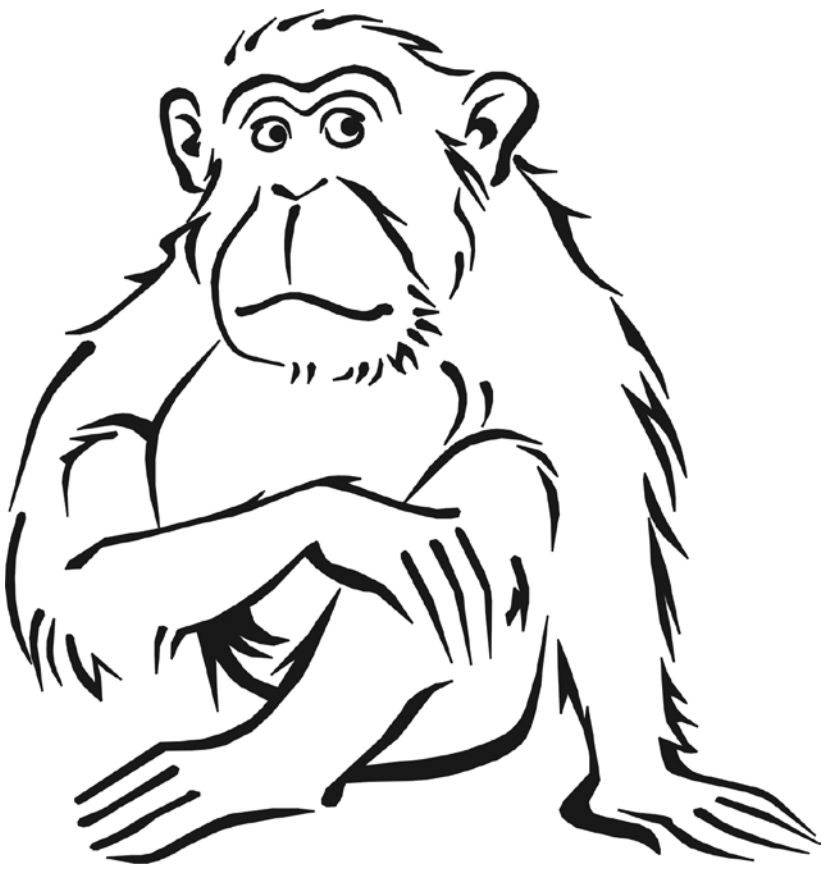
Difícil comunicar ou tentar se aproximar sem assustar os macacos. Nem todos são como Koko, que consegue se comunicar por meio da linguagem de sinais. De acordo com a Dra. Francine 'Penny' Patterson, educadora de Koko, ele compreende mais de 2 mil tipos diferentes de gestos e expressões. Koko também foi o apelido recebido por George Constanza em um dos clássicos episódios de Seinfeld. Mas isso seria um outro texto. Afinal, George, assim como os primatas, não se relaciona facilmente com os humanos.

Não são apenas babuínos os tarados da espécie. Koko já foi processado por pelo menos três ex-funcionárias da fundação onde mora, na Califórnia. Elas acusaram o animal de insistentemente fazer os sinais para "mostrar" seguido de outro para "mamilos". E dizem ainda que a ação não é coibida pela Dra. Paterson. Os processos foram encerrados apos acordo em 2005. O advogado do caso, Jody Weiner, publicou um livro sobre o incidente -"Kinship With Animals".

Quem processa um macaco? Como fazer isso? Será que o meio influencia o gosto? Se Koko fosse brasileiro iria querer ver bunda? Talvez aqui o símio se transformasse num astro pop. Apertando teclas que reproduzem sons, iria cantar um funk qualquer. A degradação da espécie. Não pelo tipo de musica (?), mas seria abusar demais do animal.

E alguém duvida que Darwin estava certo? Talvez as ações de Koko e do babuíno expliquem o comportamento do homem em relação ao sexo. Se evoluímos do macaco, em alguns sentidos, ainda somos os mesmos.

João Veloso Jr (joaovelosojr@gmail.com), 32, é jornalista e assistiu ao Animal Channel um pouco demais nos últimos dias.



Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do Letras!

Acústica CD • AIB • Aliança Francesa • Arquivo Público Mineiro • Art Vídeo • Berlitz • Biblioteca Pública Estad. Luiz de Bessa • Café com Letras • Café com Letras Belas Artes • Café Kahlua • Casa do Baile • Celma Albuquerque Galeria de Arte • Centro de Cultura Belo Horizonte • Cultura Alemã • Desvio • Discomania • Drummond & Neumayr Advogados • Eh! Vídeo • Escola de Imagem • Faculdade Jesuítas • FUMEC • Fundação Clóvis Salgado • Fundação de Educação Artística • Fundação Municipal de Cultura • Galpão Cine Horto • Grampo • Instituto Cervantes • Isabela Hendrix • Livrarias da Editora UFMG: Campus - Conservatório - Ouro Preto • Mini Espaços de Arte • Museu de Arte da Pampulha • Museu Inimá de Paula • Museu Mineiro • Rádio Inconfidência • Rede Minas • Secretaria de Estado de Cultura de MG • Teatro Dom Silvério • Teatro Francisco Nunes • Teatro Marília • UEMG • UFMG/ Escola de Arquitetura • UFMG/ Escola de Belas Artes • UFMG/ Letras • UFMG/ Fafich • Usina das Letras Belas Artes • Usina das Letras Usina Unibanco de Cinema • Usina das Letras Palácio das Artes • Usina